

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
BACHARELADO EM TRADUÇÃO

ROMULO COELHO DE SOUSA

**AS FÁBULAS DO LIVRO I DE LESSING:
TRADUÇÃO COMENTADA
A PARTIR DO MODELO DE NORD**

JOÃO PESSOA – PB

2013

**AS FÁBULAS DO LIVRO I DE LESSING:
TRADUÇÃO COMENTADA
A PARTIR DO MODELO DE NORD**

ROMULO COELHO DE SOUSA

Trabalho apresentado ao Curso de Bacharelado em Tradução, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Tradução pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. MSc. Daniel Antônio de Sousa Alves
Co-orientadora: Profa. Dra. Tânia Liparini Campos

JOÃO PESSOA – PB

2013

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Sousa, Romulo Coelho de.

As fábulas do livro I de Lessing: Tradução comentada a partir do modelo de Nord./ Romulo Coelho de Sousa. - João Pessoa, 2013.

63f.

Monografia (Graduação em Tradução) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientador: Prof.º Me. Daniel Antônio de Sousa Alves

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que de maneira direta ou indireta contribuíram para a realização desse trabalho, pois o simples interesse em saber do seu andamento já servia de grande motivação para seguir em frente em sua realização.

„Der Langsamste, der sein Ziel nicht aus den Augen verliert,
geht immer noch geschwinder als der ohne Ziel umherirrt.“

“O homem lento que não perde de vista seu objetivo é sempre
mais veloz do que aquele que vaga sem um objetivo. ”

Gotthold Ephraim Lessing

RESUMO

Este trabalho consiste em uma tradução comentada de parte da obra *Fabeln: Abhandlungen über die Fabel* especificamente do Livro I (*Erstes Buch*) de fábulas escritas pelo autor alemão Gotthold Ephraim Lessing. Ele tem por objetivo averiguar a aplicabilidade do modelo de Nord a um gênero decididamente literário, as fábulas, e apontar através de comentários das traduções, quais foram os pontos que apresentaram alguma problemática insolúvel ou não prevista pela análise dos fatores recomendados por Nord em seu modelo. A utilização de tal modelo visa, dentre outras coisas, identificar as condições de produção do texto fonte e sua função no contexto em que foi produzido. A proposta de Nord é que seu modelo seja capaz de abarcar as mais diversas situações de tradução, que não deixe de fora nenhum tipo de texto ou situação comunicativa. Por apresentar esse caráter generalista é que a autora sofre grandes críticas em relação ao uso do modelo na tradução literária.

Palavras chave: Estudos da Tradução; Tradução comentada; Fábulas; Análise textual; Modelo de Nord.

ABSTRACT

This work is commented translation of part of the book *Fabeln: Abhandlungen über die Fabel* specifically Book I (*Erstes Buch*) of fables written by German author Gotthold Ephraim Lessing. It aims to investigate the applicability of Nord's model to a literary genre, in this case fables, and pointing through comments of the translations, which points were problematic or not foreseen within the analysis of the recommended factors by Nord in her model. The use of such a model intends, among other things, to identify the conditions of production of the source text and its function in the context where it was produced. Nord proposes that her model should apply to all kinds of translation, without leaving aside any kind of text or communicative situation. Because of this general character the author suffers major criticism regarding the use of the model in literary translation.

Keywords: Translation studies; Commented translation; Fables; Textual analyse; Nord's model.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1. O AUTOR E A OBRA	11
1.1. FÁBULAS	13
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
2.1. ESTUDOS DA TRADUÇÃO	16
2.2. O MODELO DE ANÁLISE TEXTUAL DE NORD	19
2.2.1. FATORES EXTERNOS	23
2.2.2. FATORES INTERNOS.....	24
3. ANÁLISE DO TEXTO FONTE	27
3.1. POLÍTICA DE TRADUÇÃO.....	30
4. TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	51
ANEXO A.....	53

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere na área de Estudos da Tradução e apresenta uma tradução comentada das fábulas em prosa de Gotthold Ephraim Lessing, empregando o modelo de análise textual voltado para a tradução, desenvolvido por Christiane Nord, como ferramenta de análise do texto fonte. Com base nos resultados parte-se para a delimitação da política de tradução.

A tradução comentada constitui uma modalidade de trabalho nos Estudos da Tradução em que se utiliza um determinado aparato teórico, teoria ou modelo, em conjunto com uma obra literária. A partir de notas ou comentários busca-se analisar elementos, discutir teorias, práticas de tradução, apresentar soluções, etc.

Gotthold Ephraim Lessing foi crítico e dramaturgo alemão. Escritor polivalente, iniciou a carreira escrevendo poesias, fábulas e pequenas peças teatrais. Seu trabalho estende-se da comédia ao drama, introduziu o verso branco e apresentou várias normas relativas à literatura alemã como descreve a entrada presente na Infopédia da Editora Porto.

Apesar do destaque de várias de suas obras na cultura alemã, no Brasil as mais difundidas são as de teatro e crítica de arte. Sendo assim, busca-se aproximar os trabalhos desse autor do sistema literário brasileiro, dando-lhe visibilidade enquanto fabulista.

A tradução comentada realizada aqui se refere ao Livro I (*Erstes Buch*) da obra *Fabeln: Abhandlungen über die Fabel* [*Fábulas: Tratados sobre a fábula*] de Lessing. Embora na mesma obra estejam também os seus ensaios, estes não farão parte da tradução, mas servirão como material de consulta já que compõem a obra como um todo. A proposta do trabalho é realizar a tradução comentada das fábulas de Lessing, utilizando como suporte o modelo de Nord e visando uma discussão em relação a eficiência deste modelo na tradução de textos literários.

Em se tratando do modelo de Nord especificamente, sua proposta é que seja capaz de abarcar as mais diversas situações de tradução, que não deixe de fora nenhum tipo de texto e/ou situação comunicativa, que não leve em consideração a experiência do utilizador e que sirva de maneira recorrente para análise do texto de partida. Visa-se, com essa leitura, identificar a priori as condições de produção do texto fonte e sua função no contexto em que

foi produzido e, a partir daí, se assim for requisitado, que se busque na cultura a qual essa tradução se destina manter função semelhante ou igual ao do texto fonte.

Por ter caráter generalista e colocar os textos em igualdade quanto a sua importância, Nord sofre suas maiores críticas, advindas dos tradutores literários e estudiosos de literatura que consideram que textos literários estão em um patamar diferente daqueles que não se caracterizam como literários.

O trabalho aqui proposto tem por objetivo averiguar a aplicabilidade do modelo de Nord a um gênero decididamente literário - as fábulas - e apontar, através de comentários das traduções, quais foram os pontos que apresentaram alguma problemática insolúvel ou não prevista pela análise dos fatores recomendados por Nord em seu modelo.

Este trabalho está organizado em cinco seções além desta introdução, a saber: 1) Autor e Obra, onde se discutem as características da obra e do autor e os fatores relacionados à escolha da obra; 2) Pressupostos teóricos, em que se apresentam os principais autores e teorias aos quais esta pesquisa está vinculada; Na descrição do modelo de Nord tem-se uma descrição mais acurada dos fatores que compõem o modelo de Nord; 3) Análise do texto fonte, em que se realiza a aplicação do modelo a obra escolhida e, logo após, apresenta-se a política de tradução com a qual o encargo de tradução foi desenvolvido; 4) Tradução e comentários, em que a tradução da obra será apresentada, bem como os comentários suscitados pelo processo de tradução e 5) Considerações finais sobre a pesquisa realizada.

1. O AUTOR E A OBRA

Gotthold Ephraim Lessing nasceu em Kamenz, Saxônia, em 22 de Janeiro de 1729 e morreu em Braunschweig no dia 15 de Fevereiro de 1781. Foi poeta, dramaturgo, filósofo e crítico de arte alemão, considerado um dos maiores representantes do Iluminismo, conhecido também por sua crítica ao anti-semitismo e à defesa do livre pensamento e tolerância religiosa. Suas peças e seus escritos teóricos exerceram uma influência decisiva no desenvolvimento da Literatura Alemã moderna, da qual é considerado fundador. Dentre seus trabalhos mais conhecidos estão as obras *Miß Sara Sampson* (1752), *Minna von Barnhelm* (1767), *Emilia Galotti* (1772) e *Nathan der Weise* (1779).

De acordo com Sobrinho (2008), naquela época Lessing era um ícone da classe média burguesa em ascensão econômica, vivia em uma Alemanha que enfrentava problemas, primeiro por ainda não ser de fato uma nação como um todo, prejudicada pelas diversas guerras daquele período e pela perda de preferência das rotas marítimas já que as novas rotas atlânticas tornaram-se mais atraentes.

Sofria problemas em relação ao idioma também, pois a língua alemã não era adotada em publicações. Mesmo na corte, era somente utilizada para interações com subalternos e com o povo em geral. O francês era a língua ligada à sofisticação e às artes.

Em Sobrinho (2008, p.5), podemos perceber um pouco da situação da época:

Lessing, seus contemporâneos e, num sentido figurado, o próprio idioma, tiveram de lutar pelo reconhecimento de sua posição neste movimento ascendente. Sob a égide da Aufklärung [Iluminismo], defendiam o uso da razão, e, sobretudo, compartilhavam um ideal de homem inspirado no modelo clássico, humanista, que refletisse uma certa “totalidade de caráter”. A educação torna-se importante não só para o esclarecimento, mas também para a formação de um público leitor, além, é claro, do próprio mercado literário.

Dentre as diversas produções de Lessing estão também a escrita de fábulas, obras que, aparentemente, em comparação ao destaque que ele obteve no teatro, são pouco conhecidas e muitas vezes deixadas de lado.

Lessing escreveu as suas primeiras fábulas em 1753. Nessa época, a editora Voss de Berlin, publicava os seus escritos em ciclos, ficando da seguinte forma: uma parte de suas fábulas em verso (*Versfabeln*) foi publicada 1753 e suas fábulas em prosa (*Prosafabeln*) em outro ciclo em 1759. Juntamente com as fábulas em prosa Lessing também publicou tratados

sobre as fábulas em que ele discutiu as características, os estilos de diversos autores, como La Fontaine, De La Motte, Batteux, Breitinger, etc.

Essa obra ficou conhecida como *Fabeln: Abhandlungen über die Fabel* [Fábulas: Tratados sobre a fábula]. Nela encontra-se a coleção de fábulas em prosa escrita pelo autor denominada *Fabeln. Drei Bücher* [Fábulas. Três livros]. São essas fábulas que expressam o conhecimento de Lessing; elas são o resultado de suas pesquisas e transparecem o seu estilo enquanto fabulista.

Como dito anteriormente, a primeira edição do livro é de 1759; contudo, a versão utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa é a edição de 2009, publicada pela editora alemã S. Fischer em sua coleção de clássicos e no formato livro de bolso.

Em relação à obra *Fabeln. Drei Bücher*, foram encontradas duas traduções para o português europeu: uma de João Félix Pereira (1853) e a outra de Henrique O'neil (1880). No Brasil, encontram-se cinco das fábulas de Lessing na coletânea *Fábulas do Mundo Inteiro* traduzida por Nair Lacerda. São elas: *O leão e a lebre*, *Júpiter e o cavalo*, *O ganso*, *Os animais lutando pela precedência* e *A águia*. Essa pouca disponibilidade, que, de certo modo, questiona a sua visibilidade no sistema literário brasileiro, aguçou a minha curiosidade e me fez investigar um pouco mais sobre o autor e suas fábulas.

O livro *Fábulas. Três livros (Fabeln. Drei Bücher)*, contém noventa fábulas escritas por Lessing, para cada um dos livros trinta fábulas. O primeiro livro (*Erstes Buch*) foi tomado como excerto da obra *Fabeln: Abhandlungen über die Fabel* [Fábulas: Tratados sobre a fábula] para a realização da tradução comentada pelas seguintes razões: 1) o primeiro livro é introdutório, logo na primeira fábula o autor expõe o que pode se esperar de suas fábulas e a que tipo de público elas se dirigem ; 2) enquanto corpus de pesquisa apresenta material suficiente para a averiguação da eficiência do modelo de Nord aplicado a tradução de fábulas, 3) há intenções de dar segmento a pesquisa dos outros livros em momento posterior e adotando outra metodologia.

1.1. FÁBULAS

Não busco aqui discutir conceitos de maneira exaustiva. Mas, sabendo que orientações e caminhos precisam ser dados para que sirvam de guias e auxiliem na compreensão deste trabalho, aponto a seguir conceitos, abordagens e métodos que corroboram para o seu bom andamento.

O corpus desta pesquisa é composto por fábulas.

A fábula é uma narração que se divide em duas partes: a narração propriamente dita, que é um texto figurativo, em que os personagens são animais, homens, etc.; e a moral, que é um texto temático, que reitera o significado da narração, indicando a leitura que dela se deve fazer. A fábula é sempre uma história de homens, mesmo quando os personagens são animais, (PLATÃO, FIORIN, 2000, p.398 *apud* MICHELLI, 2007).

Um dos marcos da história das fábulas e referência desse gênero é *O Livro de Esopo - Fabulário Português Medieval*, publicado conforme a um manuscrito do século XV existente na Biblioteca Palatina de Vienna da Áustria pelo Dr. J. Leite de Vasconcellos, em 1906 (Michelli, 2007). Apesar de nem todas as histórias terem sido de fato escritas por ele, conforme afirma Vasconcellos (1906) , pois muitas são relatos anteriores ou posteriores ao autor, mas por terem traços comuns entre si, foram categorizadas de forma generalista e ganharam o nome de esópicas ou, como refere o próprio Vasconcellos, serem “apenas no gosto esopiano”.

Embora normalmente sejam consideradas histórias para crianças por frequentemente apresentarem protagonistas animais, seres inanimados e deuses que ganham voz e participação direta nas interações, as fábulas são textos para adultos como aponta Cavalcanti (2007, p.1): “Engana-se o ouvinte quando alguém conta uma fábula e ele pensa "Lá vem uma historinha para criança". A história que vem é um poderoso instrumento argumentativo nas mãos (ou na boca?) de quem sabe usá-lo.” O autor em seu trabalho levanta as questões de preconceito em torno das fábulas e através de exemplos assevera que as fábulas são para adultos.

Segundo Leite e Oliveira (2012. p.364) , “[...] as fábulas medievais assumiam também outro papel, um diferenciador em comparação com as fábulas de Ésope: o de criticar, através da ironia, aquela sociedade.” As fábulas têm a característica de trazer críticas, veladas ou não, aos temas de interesse adulto.

As fábulas destacam-se também pelo seu objetivo frequente de orientar o seu público em direção a uma conduta socialmente esperada. Mostram, através de suas histórias, exemplos de como o homem deve fazer o bem e evitar maus comportamentos. Seria o que poderíamos chamar de junção do útil ao agradável; em outras palavras deliciar-se com uma narrativa e ao mesmo tempo colher um ensinamento apresentado.

Utilizando as duas fábulas a seguir Cavalcanti (2007) ilustrou alguns fatores e teceu comentários sobre o público a quem as fábulas se destinam:

1) DIÓGENES E O CALVO

Diógenes, o filósofo cínico, insultado por um homem calvo, replicou: "Pela minha parte, eu jamais recorreria ao insulto; isso nunca aconteceria, pois realmente eu aprovo os cabelos que abandonaram um crânio tão ruim!".

(*As fábulas de Ésope*. Trad. Aveleza, 1999, p. 91 *apud* Cavalcanti 2007)

2) ZEUS E O PUDOR

Ao modelar o homem, Zeus injetou nele as diversas inclinações, esquecendo-se apenas de incutir-lhe o pudor. Assim, não tendo mais por onde introduzi-lo, Zeus ordenou-lhe entrar através do ânus. A princípio o pudor revoltou-se com indignação, mas por fim, fortemente pressionado por Zeus, exclamou: "Está bem, eu entro por lá, mas na condição de que Eros não entre pelo mesmo lugar; se ele entrar, então eu mesmo sairei imediatamente". Disso resultou que desde então todos os libertinos são despudorados.

Esta fábula mostra que aqueles que são presas do amor tornam-se impudentes. (*As fábulas de Ésope*. Trad. Aveleza, 1999, p. 91 *apud* Cavalcanti 2007)

Como bem explica Cavalcanti (2007), "Calvície não é um tema infantil, pelo menos não experienciado pela própria criança (salvo doença). Insulto, cinismo e preconceito também não são boas coisas para se ensinar a uma criança." Dando continuidade, argumenta em prol da necessidade de maturidade para a compreensão e interpretação da fábula *Zeus e o pudor* e conclui, afirmando que as fábulas não são automaticamente infantis, superficiais ou educativas, mas que podem o ser, de acordo com o propósito de quem as utiliza.

É nessa perspectiva que se encontram as fábulas aqui trabalhadas. Nelas estão contidas intertextualidades, como as referências à obra de La Fontaine e a pessoas contemporâneas do autor. Artifícios que normalmente não são comuns em trabalhos voltados ao público infantil.

Lessing, enquanto fabulista, priorizava a simplicidade das fábulas “ Se reduzirmos uma situação particular a uma sentença moralista e a essa situação particular oferecermos uma verdade e uma história, na qual se reconheça essa sentença, então essa invenção chamamos de fábula.¹

Para ele o mais importante era que a moral sobressaísse a alegoria e que seus leitores pudessem por eles mesmos ativarem o seu senso crítico em relação ao que era exposto em cada uma de suas fábulas como o próprio Lessing coloca na fábula de abertura de seu primeiro livro:

A aparição

[...] Excelente meu leitor! Musa alguma para mim apareceu, eu conto apenas uma mera fábula de onde você mesmo extraiu a lição. Não sou o primeiro e tão pouco serei o último a fazer das suas fantasias uma profecia ou uma divina aparição. (LESSING, 1759 [2009 p.12] *Die Erscheinung*)

De posse dessas informações a respeito do posicionamento do autor em relação a suas fábulas, partirei agora para a próxima etapa, que é dissertar acerca das teorias de tradução que contribuíram para execução desse trabalho.

¹ Minha tradução de „Wenn wir einen allgemeinen moralischen Satz auf einen besondern Fall zurückführen, diesem besondern Falle die Wirklichkeit erteilen und eine Geschichte daraus dichten, in welcher man diesen Satz anschauend erkennt: so heißt diese Erdichtung eine Fabel.“

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1. ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Antes de tratar diretamente da visão da tradução neste trabalho é necessário iniciar fazendo referência ao que é considerado um texto. Para tal utiliza-se a noção apresentada por Nord (1988, p.16) em que “o texto é uma ação comunicativa, uma combinação de aspectos verbais e não verbais, imbuídos de uma função para um determinado propósito comunicativo em uma determinada situação”.

No entanto, para que cheguemos aos reais propósitos deste trabalho é preciso retomar algo mais das abordagens dos Estudos da Tradução. O aparato teórico utilizado para a composição deste trabalho são a Teoria do Escopo e o Modelo de Análise Textual de Nord.

As duas abordagens surgiram na Alemanha e se enquadram no que chamamos de abordagens funcionalistas da Tradução. Elas foram desenvolvidas em meados da década de 1980 por Reiß e Vermeer e receberam melhoramentos ao longo dos anos por outros teóricos como, por exemplo, Nord.

Em 1971, Katharina Reiß escreveu o livro *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik* [Possibilidades e limites da Crítica da Tradução]. Esse livro foi considerado por Nord o marco zero nos Estudos da Tradução na Alemanha, como afirma Leal (2007). Utilizando-se de uma noção denominada Equivalência Funcional, Reiß propõe uma tipologia textual que parte do princípio de que as funções dos textos de partida devem ser igualadas às dos textos de chegada.

Em sua tipologia textual, derivada das funções de linguagem de Karl Bühler, quais sejam: representação, apelo e expressão, Reiß associa um tipo de texto a cada uma das funções de linguagem de Bühler, sendo eles: informativo, apelativo e expressivo respectivamente. Cada um desses textos tem como foco o conteúdo, o apelo e a forma e cada um deles explora uma dimensão linguística, lógica, dialógica e estética.

Temos então o seguinte:

Funções de Linguagem (Bühler)	Tipo de Texto Associado (Reiss)	Ênfase de cada Texto (Reiss)	Dimensão Linguística Explorada (Reiss)
Representação	Informativo	Conteúdo	Lógica
Apelo	Apelativo (operativo)	Apelo	Dialógica
Expressão	Expressivo	Forma	Estética

Fig. 1 Funções de linguagem de Bühler e tipologia textual de Reiß

Ou seja, cada tipo de texto possui uma característica mais marcante. Ele pode ser mais informativo, mais apelativo ou mais expressivo. Em consequência dessas características, Reiß sugere, em Leal (2007), que as estratégias de tradução procurem adequar-se à característica predominante em cada um dos tipos de texto, mas se adequem sobretudo à função textual.

É importante observar que essas características co-ocorrem, porém uma delas irá se sobressair. Como exemplos desses gêneros de textos temos: artigos, teses, documentos (informativos); textos publicitários e propagandas em geral (apelativos) e, por último, prosa e poesia literária em geral (expressivos).

Essa tipologia textual foi uma das contribuições de Reiß, nesse primeiro momento, para o desenvolvimento do Funcionalismo Alemão. Ao qual dá segmento nos trabalhos subsequentes, dessa vez conjuntamente com seu aluno Vermeer, que apresenta uma complementação ao primeiro modelo proposto por Reiss.

Vermeer, através do artigo “*Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie*” [Uma estrutura para uma teoria geral da tradução], busca romper com a noção tradicional da teoria linguística da tradução. Para Vermeer o fator determinante da tradução está além do linguístico. E é buscando encontrar esses outros fatores que ele elabora a sua Teoria do Escopo.

A Teoria do Escopo, apresentada pela primeira vez por Vermeer (1978), coloca a tradução como uma ação humana e, como qualquer ação humana, revestida de uma intencionalidade e indubitavelmente com uma finalidade (escopo). Como segundo fator tem-se a cultura. No concernente à tradução temos duas culturas envolvidas: uma pertencente a situação comunicacional do texto de partida e outra referente ao texto de chegada.

Por cultura entenda-se “[...] a totalidade de normas, convenções e opiniões que determinam o comportamento dos membros de uma sociedade e todos os resultados desse comportamento, tais como arquitetura, instituições, universidades, etc.)”¹ (VERMEER *apud* SNELL-HORNBY 2006,p 55). O autor não deixa de destacar também a importância das circunstâncias em que o texto traduzido será recebido.

Desta forma, temos até o momento os seguintes fatores envolvidos na realização de uma tradução: o linguístico, o humano, a cultura e a finalidade. Passa a ser mais adequado considerar todos esses fatores envolvidos, mencionados anteriormente, do que apenas o texto de partida como fonte de uma tradução. Assim, o texto perde um pouco a sua primazia e passa a ser visto como uma oferta de informação, *Informationsangebot* (REIß e VERMEER 1984, p.35, *apud* Nord, 1988).

O fator que direciona todo o processo de tradução, segundo essa abordagem, será a finalidade do texto. As decisões devem ser tomadas tendo em mente a existência do potencial receptor para o qual o texto está sendo traduzido.

Quando consideramos que a finalidade do texto tem o papel principal, percebemos que essa finalidade em um determinado contexto pode ser múltipla. Sendo assim, temos que aceitar que para esse texto em questão, diferentes traduções serão adequadas. Isso se deve ao fato de que além de conteúdo, estão presentes no texto forma e efeito (REIß e VERMEER, 1984, p. 126 *apud* Kilian, 2007).

Dando primazia à finalidade de um texto, a situação comunicativa de chegada é o que ganha destaque. Em outras palavras, as convenções e normas da cultura de partida devem ser substituídas por convenções e normas correspondentes na cultura de chegada para produzirem o efeito pretendido (REIß; VERMEER, 1984, p. 156 *apud* Kilian 2007).

Até aqui evidenciam-se as mudanças de perspectiva provenientes dos autores supracitados, primeiramente de uma ênfase nas funções do texto (Reiß) para uma ênfase na finalidade (Vermeer).

Nord, uma das alunas de Reiß, promove uma reaproximação ao texto fonte. Para a autora, um texto de chegada que não possui um texto fonte não pode ser considerado uma

¹ Minha tradução de: “[...] the totality of norms, conventions and opinions which determine the behaviour of the members of a society, and all results of this behaviour (such as architecture, university institutions, etc.)”.

tradução. Porém, como o ponto primordial da Teoria do Escopo é a cultura de chegada, é necessário que se mantenha essa conexão.

A autora apresenta o conceito de lealdade (*Loyalität*). Para que as discussões sobre lealdade não caiam nos mesmos termos do que se discute em relação à equivalência tradutória, a autora explica que se deve ser fiel ao leitor do texto de chegada, priorizando a funcionalidade do texto, mas também, deve ser fiel ao texto de partida, pois nele está a intenção do autor. Ainda de acordo com a autora essa lealdade não é algo complicado de se encontrar. Para ela, quando o tradutor identifica os fatores mencionados pelo seu modelo (tratados a seguir na seção 2.3) e a função do texto, o tradutor já está sendo leal, ou seja, mantém-se o vínculo com o texto de partida que o conceito pressupõe.

Na próxima seção apresentarei o modelo na íntegra, seus elementos, principais usos, sua sistemática e principais características.

2.2. O MODELO DE ANÁLISE TEXTUAL DE NORD

O modelo de análise textual orientado à tradução de Christiane Nord surge como uma ferramenta a ser usada por aqueles que lidam com a tradução de uma maneira geral, tradutores, intérpretes, estudantes, professores, pesquisadores, etc.

Tentarei, nos parágrafos seguintes, fazer uma pequena explanação sobre o modelo em questão, abordado por Nord em seu livro *Text Analyse und Übersetzung – Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse* (1988). Explorarei o modelo nos aspectos que serão relevantes à produção deste trabalho; contudo, não deixarei de fora o que considero imprescindível para a compreensão do modelo, a saber, em ordem de discussão: suas principais características, seus participantes, fatores externos e fatores internos.

Primeiramente é preciso esclarecer que tal modelo é uma ferramenta que não determina como a tradução deve ser feita, mas oferece meios de abordar e analisar o texto de partida antes de sua tradução. Inicialmente o modelo é aplicado para análise do texto de partida; no entanto, é um modelo recursivo, o que dá ao tradutor a liberdade de ir e vir entre texto de partida e texto de chegada, possibilitando a comprovação de suas análises e hipóteses iniciais e conseqüentemente a correção quando esta se fizer necessária. O modelo de Nord se dirige a um público amplo pelo fato de apresentar características distintas de outros modelos.

O par de idiomas envolvidos no processo de tradutório não precisa ser específico. Línguas orientais, nórdicas, latinas ou anglo-saxônicas, em qualquer par de idiomas é possível se utilizar o modelo. Com isso, a influência que os idiomas têm em relação a número de falantes, se são mais/menos traduzidos, se são predominantes no plano global ou são línguas extintas, não são fatores relevantes nesse momento da análise.

A direção do processo de tradução é outro fator que não apresenta relevância para a aplicação do modelo. Os procedimentos de análise são os mesmos tanto para a tradução como versão, como é mais conhecido o processo de tradução da língua materna para o idioma estrangeiro.

Não há exigência quanto ao grau de competência do usuário. Tradutores experientes ou iniciantes na tarefa de tradução são potencialmente capacitados para o uso do modelo com o mesmo grau de habilidade, desde que familiarizados com todos os componentes que a análise implica.

Da mesma forma que o modelo se aplica a qualquer idioma, também se aplica a diferentes culturas, considerando que um mesmo idioma é falado em diferentes países, como por exemplo, o português, que é falado em diferentes continentes: Europa, América Latina e África, e são de certo bem diferentes culturalmente falando.

Uma das características que mais gerou discussão e críticas à cerca do modelo de Nord foi a sua aplicabilidade a qualquer tipo de texto. Como menciona Nord (1988, p. 3) “a praticidade e caráter didático inerente ao modelo” e considerando os diversos tipos de textos existentes, faz com que os elementos analisados em cada tipo de texto sejam recorrentes, permitindo, assim, a aplicação do modelo a todos os tipos de texto, inclusive os literários. Por mais que estudiosos da área de literatura e escritores possam requerer uma condição superior aos textos literários, são eles em sua essência textos e como tais possuem a mesma constituição e por tanto, são passíveis de análise como qualquer outro texto.

O modelo pensado por Nord auxilia no rastreamento de dificuldades que o tradutor geralmente encontra durante o processo de tradução. Nesse caso, a averiguação inicial realizada no texto de partida permite ao tradutor rastrear dificuldades estruturais, linguísticas ou culturais. Essa sistematização fornece ao tradutor meios de decidir objetivamente qual será a solução mais adequada para cada dificuldade, dando-lhe assim transparência em suas decisões e possivelmente um ganho de tempo em sua tarefa.

Uma última característica ressaltada por Nord em seu livro está direcionada aos professores / instrutores de cursos da área de Estudos da Tradução. Com o uso desse modelo outros critérios como os tipos de texto, análises de itens específicos cotextuais e contextuais, etc. Podem ser utilizados para a seleção de textos adotados no ensino de tradução.

Ao longo de seu livro, Nord resalta que o modelo não é conclusivo ou à prova de falhas, ele está aberto a críticas e sugestões, bem como melhoramentos, provenientes dos Estudos da Tradução ou de disciplinas afins, como teorias linguísticas e literárias.

Feitas as asserções sobre as características do modelo de análise textual voltado para a tradução de Nord (1988), dissertarei agora sobre os participantes e elementos que, de acordo com Nord (1988), constituem o processo de tradução. Entenda-se aqui por processo toda as estratégias e procedimentos executáveis durante o ato tradutório e não o processo enquanto cognição.

Antes de nomear e apontar o papel dos participantes, ressalto que estamos lidando com um conceito de tradução em que o texto é uma oferta de informação de uma determinada situação comunicativa A e que será traduzido para uma determinada situação comunicativa B.

Para Nord o processo de tradução organiza-se da seguinte forma: produtor do texto de partida, emissor do texto de partida, texto de partida, receptor do texto de partida, iniciador, tradutor, texto de chegada e receptor do texto de chegada. Esses participantes são imprescindíveis para o processo de tradução e cada um possui um papel específico. No entanto, durante o processo, um mesmo componente pode exercer diferentes papéis simultaneamente.

A seguir tem-se os participantes e seus papéis no processo de tradução:

- Produtor do texto de partida: é o sujeito que produz de fato o texto de partida, utiliza-se de todo o conhecimento de seu idioma e cultura para a produção do texto. Pode haver casos em que não haja autoria de uma pessoa, mas de um grupo, empresas ou órgãos.
- Emissor do texto de partida: É aquele que fará uso do texto para algum fim determinado. É quem define para essa situação qual a finalidade do texto. Podem também ser instituições, empresas, órgãos públicos, etc.;
- Texto de partida: Texto pronto e acabado;

- Receptor do texto de partida: Indivíduo idealizado no processo de produção do texto como potencial receptor;
- Iniciador: Sujeito que necessita que um texto seja traduzido. É geralmente quem vai em busca do tradutor ou agência para a execução da atividade de tradução;
- Tradutor: Sujeito conhecedor da situação comunicativa das duas culturas e do par de idiomas em questão que realizará a tradução do texto de partida, baseado na intenção do Iniciador e na finalidade do texto. Assume então papel de produtor do texto de chegada;
- Texto de chegada: Tradução pronta e acabada de acordo com as normas culturais e linguísticas da situação a que se destina;
- Receptor do texto de chegada: Sujeito idealizado no momento da produção da tradução.

Tomando por base o exposto por Nord (1988) pode-se afirmar que o processo de tradução consiste em uma situação comunicativa A em que estão presentes elementos como um produtor do texto, um emissor, o texto em si, um potencial receptor e um contexto cultural para essa situação. Quando esse texto da situação A é traduzido para uma situação B foram os papéis do iniciador e do tradutor que tornaram isso possível, o iniciador por ser o motivador e o tradutor por ser o executor da tarefa.

A distinção que a autora faz entre o que chamamos aqui de produtor e emissor do texto é a seguinte, “nem todo autor/produtor de um texto é necessariamente quem vai utilizá-lo ou enviá-lo a um determinado público, simplesmente há casos em que encomenda-se um texto para um determinado fim” (NORD, 1988, p. 47).

Retomando a situação do parágrafo anterior, pode-se exemplificar a questão da simultaneidade dos papéis dos participantes: o produtor e o emissor do texto da situação A podem claramente ser a mesma pessoa, assim como essa mesma pessoa pode também assumir o papel de iniciador e tradutor desde que apto para a realização da tarefa de tradução.

Antes do processo de tradução fatores externos e internos devem ser analisados. Eles revelam informações importantes sobre as condições de produção do texto fonte, ajudam na localização de potenciais problemas, orientam o tradutor em suas estratégias e decisões para a realização da tradução.

2.2.1. FATORES EXTERNOS

Para se descobrir que fatores devemos analisar em um texto, a autora sugere uma série de perguntas. Nas respostas às perguntas estão os fatores passíveis de análise. Para os fatores externos, de acordo com Alves (2006), as perguntas seriam: Quem transmite? Emissor; Para que? Intenção; Para quem? Receptor; De que modo? Canal/Meio; Onde? Local; Quando? Tempo; Por que? Motivo; Com qual função? Função do texto. A seguir apresenta-se uma breve descrição de cada um dos termos.

- Emissor: Sujeito ou instituição que faz uso de um texto com uma determinada intenção/ função em mente. Emissor e produtor podem ser simultaneamente a mesma pessoa; contudo, o que determina as diretrizes da produção do texto são as instruções fornecidas por esse emissor e as convenções linguísticas e culturais da situação comunicativa;
- Intenção: é o que o emissor almeja alcançar com aquele texto. A partir daí pensa-se em toda a estruturação do texto, o que escrever e o que não escrever, com que palavras etc.
- Receptor: É o sujeito idealizado durante os processos de produção dos textos. Tanto o receptor do texto de partida quanto o do texto de chegada devem ser considerados no momento da tradução, ainda que o seu *background* cultural e linguístico seja diferente;
- Meio/Canal: São as delimitações de como será escrito, se será escrito e por qual veículo de comunicação o texto será emitido;
- Local: Espaço onde esse texto irá circular, características que possam influenciar na produção e divulgação do mesmo. Deve-se considerar não apenas o lugar de produção do texto, mas também pensar no local onde se encontra o receptor idealizado;
- Tempo: Momento em que o texto foi produzido. Alguns textos podem pertencer a períodos específicos, ou mesmo suas informações podem não ser mais relevantes ou atuais;
- Motivo: A motivação do emissor para estabelecer um contato com o público naquele lugar, naquele momento, naquela situação como um todo;
- Função do texto: Situação para a qual aquele texto foi produzido, intuito. A determinação da função do texto de partida faz com que o tradutor a utilize como meio de orientação para a função do texto de chegada, caso não haja nenhuma instrução mais específica por parte do iniciador.

Esses fatores estão todos interligados, contribuindo para um bom funcionamento do texto, de modo que a identificação dos primeiros fatores no texto, automaticamente, faz com que se tenha uma hipótese do que virá a seguir para os fatores internos.

2.2.2. FATORES INTERNOS

Dando sequência ao trabalho temos a seguir as perguntas para a identificação dos fatores internos. De acordo com Alves (2006), são elas: Sobre o que? Tema; O quê? Conteúdo; O que não? Pressuposições; Em que sequência? Construção; Com quais elementos não verbais? Com que palavras? Léxico; Com que sentenças? Sintaxe; Com que tom? Marcas subjacentes. A seguir uma breve descrição de cada um dos termos.

- Tema: É um dos primeiros fatores a ser identificado. Ele pode ser identificado já a partir dos fatores externos pelo título ou tipo de texto. Caso isso não ocorra, elementos como o léxico auxiliam na identificação da temática. O tema pode estar presente em um único texto ou realizar-se por vários textos com temáticas em comum, como coletâneas de contos, fábulas, notícias, etc. Em situações em que vários temas são abordados em um mesmo texto, um deles irá ser o predominante e, conseqüentemente, o que deverá ser considerado como principal;
- Conteúdo: Uma análise da superfície textual de maneira sucinta para averiguar semântica, léxico, pragmatismo, conotação, elementos culturais, tempo, modo, registro, coesão, coerência, etc.;
- Pressuposições: O que está nas entrelinhas do texto, o não dito intencional ou por ser aparentemente óbvio. Normalmente ocorre em textos situados culturalmente onde emissor e destinatário possuem um maior grau de conhecimento compartilhado;
- Construção: Títulos, subtítulos, argumentações, saudações, desfechos, notas, elementos pertencentes à macroestrutura textual. Organização das informações, progressão, elementos coesivos, conjunções, estruturas de tema e rema, períodos simples ou compostos, estilo, elementos pertencentes à microestrutura do texto;
- Elementos não verbais: Elementos utilizados para complementar dizeres, evitar ambigüidades ou enfatizar determinados trechos do texto, normalmente icônicos como fotos, ilustrações, emblemas. Em se tratando da linguagem seriam gestos, expressões faciais e corporais;

- Léxico: Palavras utilizadas no texto, estilo, registro, formação de palavras, figuras de linguagem, retórica, aspectos morfológicos, idiomatismos, empréstimos, regionalismos, conjunções, advérbios, tempo e modo verbal, etc.;
- Sintaxe: Estruturas das frases, coordenação, subordinação, simples, complexas, paralelismo, figuras de linguagem, locuções adverbiais, anáforas, catáforas, elementos de coesão e de coerência, etc.;
- Marcas subjacentes: São elementos que não se encaixam nas categorias anteriores, por exemplo, uso de itálico, negrito, aspas, parênteses, sublinhado, vírgulas, rimas. Todos são elementos que de alguma forma estruturam o texto ou colaboram para definições de estilo do produtor ou do texto.

As análises sintática, semântica e morfológica ocorrem de forma simultânea e, devida à análise dos fatores externos, já existe uma expectativa por parte do tradutor a respeito do que ele encontrará nessa análise dos fatores internos. Parte dessa expectativa é devido às convenções que cada cultura e idioma possuem para a realização de seus textos.

Para a autora, um texto é aquele que possui uma função e ele só se realiza como tal ao chegar a um receptor, seja ele o idealizado no processo de produção ou não. Esse tópico é importante, pois sem um texto fonte não existe uma tradução. Porém, as funções desses textos de partida e de chegada podem ser distintas, bem como podem ser incompatíveis a intenção do produtor do texto e a expectativa que o receptor idealizado possui.

A análise pressuposta pelo modelo aparenta demandar tempo e ser repetitiva, mas, na verdade, ela proporciona um ganho de tempo, pois a localização e identificação dos problemas passa a ser sistemática, impedindo assim que elementos do texto passem despercebidos pelo tradutor.

Autores como Leal (2005, 2007), Ferreira (2010), Santos e Accácio (2008) só para citar alguns, realizaram trabalhos utilizando gêneros literários e o modelo de Nord, o que é um indício de relevância na relação dos dois temas. Desse modo, é pertinente o uso do modelo de Nord para a tradução de fábulas.

A abrangência dos elementos de análise pressupostos pelo modelo de Nord, principalmente as marcas subjacentes, fazem com que ele seja indicado também para o uso em textos literários, uma vez que o que diferencia basicamente o texto literário do não literário é a função estética do primeiro e a função utilitária do segundo, como apontam Fiorin e Platão (1984).

São posicionamentos como os de Fiorin Platão (1984, p.351) “Não se pode, num texto literário, mudar nenhuma palavra de lugar, suprimir ou acrescentar nenhum pedaço”, que suscitam a recusa do uso de modelo de Nord como ferramenta para as traduções dos textos literários.

No entanto, o texto literário é plurissignificativo, ainda utilizando Fiorin e Platão (1984), e supõe-se, portanto, passível de diferentes interpretações, de modo que essas interpretações estão ligadas ao uso, à finalidade, que se pretende fazer desses textos. Sendo assim, percebe-se aí uma justificativa plausível para que o modelo de Nord seja adequado para a aplicação a esses textos, pois “No texto literário, o modo de dizer é tão (ou mais) importante quanto o que se diz.” (FIORINE PLATÃO 1984, p.353). E ainda que esse modo de dizer não seja claramente especificado pelos autores, a junção dos fatores externos e internos pressupostos por Nord oferecem opções tangíveis para uma análise desse tipo.

3. ANÁLISE DO TEXTO FONTE

Nessa etapa serão analisados nas fábulas de Lessing os fatores determinados pelo modelo de Nord, começando pelos fatores externos, passando para os internos e, logo após, à política de tradução que será adotada com base na análise. Vale aqui ressaltar que, como mencionado anteriormente, a versão da obra utilizada para análise é a da Editora S. Fischer de 2009.

Fatores externos:

- Emissor: Assumindo o papel de produtor e emissor do texto, temos o próprio autor Gotthold Ephraim Lessing e também a editora Fischer, para a edição em questão, pois o fato da mesma ter publicado uma obra que foi escrita há tanto tempo, colocá-la em sua coletânea de clássicos e no formato de livro de bolso não são ocorrências casuais;
- Intenção do Emissor: Considerando que a obra é o segundo trabalho do autor com fábulas, nessa obra o que ele pretendia, aparentemente, era expor o seu trabalho, visando o entretenimento do seu público em um primeiro momento. Em segundo plano, pretendia mostrar os seus ensaios sobre as fábulas, fato que confirmo primeiramente devido aos seus estudos terem sido publicados juntamente com as fábulas e do autor requerer de seus leitores autonomia e senso crítico, mas também por suas palavras no prefácio da obra, onde afirma que “ele [o leitor] verifica nas fábulas o seu gosto e nos ensaios a minha motivação”¹ (LESSING, 2009, p. 10). Em relação à editora, considero que ela visa, o que é de praxe, o lucro, mas que contribui para um cânone literário, quando classifica a obra como clássica.
- Receptor: Público conhecedor de literatura, principalmente fábulas, que saiba reconhecer as menções explícitas aos fabulistas famosos. Que não sejam passivos, como pode se constatar por outro trecho do prefácio “Rogo apenas para que meus leitores não julguem as fábulas sem [ler] os tratados”² (LESSING, 2009, p. 10);
- Meio/Canal: Através da escrita, coletânea de fábulas em um livro de bolso;
- Local: Frankfurt an Main;
- Tempo: 2009;
- Motivo: Entreter e compartilhar estudos;

¹ Minha tradução de: „Er prüfe also in den Fabeln *seinen* Geschmack und in den Abhandlungen *meine* Gründe.“

² Minha tradução de: „Ersuche ich bloß meinen Leser, die *Fabeln* nicht ohne die *Abhandlungen* zu beurteilen“

- Função do Texto: Entretenimento, e apresentar reflexões a respeito das características, classificações e maneiras de escrever fábulas;

Fatores internos

- Tema: Fábulas
- Conteúdo: Conjuntos de histórias que se fazem coerentes por si só, pelo conjunto da obra e pelas intertextualidades nela presentes. São também de caráter moral e lúdicas, pois se utilizam da personificação de animais e deuses para exemplificar situações cotidianas;
- Pressuposições: Conhecimento de Ésope, Fedro, obra Cláudio Eliano De natura Animalium, Fábulas, La Fontaine, Liederhold, Mosheims, Kneller, Pope, Addison, grego;
- Construção: A obra é construída da seguinte forma: fábulas enumeradas de 1 a 30, contendo entre seis e vinte e três linhas, um a quatro parágrafos, títulos no início de cada uma. Algumas contêm referências a fábulas de outros autores, como se fossem epígrafes, e notas de rodapé;
- Elementos não verbais: A obra não apresenta nenhuma ilustração, foto ou recurso pictográfico;
- Léxico: linguagem padrão, ausência de dialetos, regionalismos, com algumas palavras frequentes do vocabulário literário, encontram-se também substantivos, adjetivos, advérbios, verbos, conjunções, preposições, substantivações, pretéritos, deverbais, arcaísmos, imperativos, superlativos, etc.
- Sintaxe: Sentenças simples, compostas subordinadas e coordenadas, locuções adverbiais, elementos de coesão;
- Marcas Subjacentes: Presença de itálicos nas fábulas 1,4,5,7; marcas específicas para marcar falas de diferentes personagens em um mesmo parágrafo (>> <<) nas fábulas 1,7,23; uso de marcações como exclamações, hífen, recursos de linguagem tais como sátira, ironia, soberba; fábulas 3, 5, 16, 18, 20, 24, 25 e 26 contêm uma espécie de epígrafe e referências explícitas ao trabalho de Ésope e Cláudio Eliano.

É possível perceber certa recorrência nas respostas à identificação dos fatores. Isso já era previsto, pois todos os itens cooperam entre si para a formação de um todo, no caso um texto, completo e coerente.

Com base na identificação dos fatores anteriores é que foi traçada a política de tradução. A primeira vista averiguou-se quais serão os pontos problemáticos e, a partir deles, idealizou-se estratégias para superá-los.

Ressalto dois fatores a seguir de análise que apresentaram um maior benefício, considerando os textos literários e principalmente trazendo para a proposta deste trabalho que é a tradução comentada das fábulas de Lessing.

O primeiro deles é a pressuposição, a partir desse fator é possível averiguar o que o texto apresenta implícita ou explicitamente. Analisando as fábulas de Lessing é possível reconhecer de maneira direta as pressuposições do autor. Lessing usa de intertextualidades explícitas, menções diretas a outros autores e obras que contribuem para a construção de sentido das fábulas. No entanto, pode se constatar também pressuposições que não são explicitadas como o desfecho da Fábula 6 *O macaco e a raposa*, “Escritores da minha nação! Devo me explicar mais claramente?”, onde não se sabe a que escritores se refere, mas recupera-se a que nação ele se refere, no caso a sua própria Alemanha.

Juntamente com a pressuposição o segundo fator de grande contribuição é a análise das marcas subjacentes. Graças a essa etapa foi possível localizar os momentos em que o autor destacou termos e nomes (Pope, Addison, Kneller) através dos itálicos, apresentou neologismo (*Hermannnade*), apresentou pontuação específica como o uso das aspas (>><<).

Pelo observado na análise explicitada acima, o modelo proposto por Nord se mostra benéfico também para análise de fábulas. Uma visão geral do que deverá ser traduzido, marcos importantes da obra, dificuldades que possam surgir já foram de antemão mapeadas.

O modelo se mostrou eficiente e eficaz por atender as características que vão para além do nível linguístico, por respaldar decisões tomadas durante o processo de tradução e por contribuir para um processo de tradução sistematizado e organizado. A realização dessa análise minuciosa resulta em um conhecimento maior das fábulas de Lessing a serem traduzidas e em uma tradução mais cuidadosa de seu trabalho.

3.1 POLÍTICA DE TRADUÇÃO

O modelo de tradução de Nord prevê que todo texto tem a sua finalidade. Juntamente com a finalidade do texto de chegada, através da análise do texto de partida, a partir do modelo de Nord, tem-se subsídios necessários para guiar a tradução.

A partir da análise do texto de partida, foi determinada a finalidade da tradução e as estratégias adotadas para o processo tradutório. Apesar de um passo necessário para o início da tarefa, como já foi dito em parágrafos anteriores, uma das características do modelo de Nord é ser recursivo, possibilitando assim que se possa ir e vir entre os textos de partida e chegada, realizando ajustes quando necessário. Contudo, as vezes em que foi necessário transitar entre os textos foi para a comparação de itens gramaticais e vocabulário, não se referindo exatamente ao que já havia sido apurado na análise dos dados.

Foi mencionado anteriormente que dentre os objetivos, pretende-se dar visibilidade à obra de Lessing como fabulista no Brasil. Em função disso, adota-se parte da mesma intenção do autor para com a sua obra, isto é, entreter o público.

Alinhando-me ao conceito de lealdade pressuposto por Nord, realizarei a tradução de forma que as características e estilo de Lessing, na medida do possível, se sobressaíam, com a finalidade de que o estilo do autor esteja presente nas traduções e que, como foi constatado na análise do texto fonte, que as fábulas sirvam também para entreter o público.

Não pretendo fugir à norma da língua de chegada e tão pouco mostrar-me enquanto tradutor, por não ser esse o foco do meu trabalho. O receptor idealizado para essas traduções são pessoas que conheçam, ainda que pouco, sobre fábulas, que sejam leitores capazes de discernir entre o real e o ficcional e considerar um contexto pragmático, onde ocorrem críticas, sátiras e figuras de linguagem.

Parto da dicotomia apresentada por Schleiermacher (2001, p. 43) em sua conferência *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens* [Sobre os diferentes métodos de tradução] de 1813, onde afirma que o “verdadeiro tradutor, aquele que realmente pretende levar ao encontro essas duas pessoas tão separadas, seu autor e seu leitor, pode tomar dois caminhos: ou deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele”.

Os caminhos apontados primeiramente por Schleiermacher recebem uma nomenclatura dada por Venuti, quando este acrescenta um viés ideológico aos dois métodos Venuti (1998) os denomina estrangeirização, quando se leva o leitor da tradução até o autor

do texto fonte, e domesticação, quando se aproxima o autor do texto de partida do leitor da tradução. Ambos têm em comum a ideia de que a perspectiva evidencia os elementos do texto de partida na tradução seria a mais adequada a ser tomada pelo tradutor.

Não somente por concordar com ambos, mas também por crer no potencial intelectual do público alvo a quem direciono a tradução, assumirei a mesma postura em relação as traduções que serão realizadas. Não desejo que seus elementos característicos sejam realçados de modo drástico, porém quero que se façam presentes por mim enquanto produtor do texto de chegada, mas também pelo empenho prévio que já fora empregado pelo autor do texto de partida.

A tradução será muito semelhante ao texto de partida, os elementos presentes como as notas de rodapé, epígrafes e textos em gregos são mantidos na íntegra; a estruturação e ordem das fábulas é a mesma. Ressalto como diferencial apenas a presença das Notas de Tradução, que não ocorrem em grande quantidade e estão também no rodapé, mas, iniciadas pela sigla NT, como é de praxe, para que não se confunda com as que são parte da estrutura do texto de partida.

Informadas as decisões que norteiam o trabalho, o passo seguinte é a apresentação da tradução comentada do Livro I de fábulas de Gotthold Ephraim Lessing, baseado na prévia análise fornecida pelo modelo de Nord.

4. TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS

A seguir apresento a tradução das fábulas que estão organizadas de acordo com o sumário abaixo, e seus comentários.

Os textos de partida originais estão no Anexo B.

Fábulas

Livro I

1. A aparição
2. O hamster e a formiga
3. O leão e a lebre
4. O burro e o cavalo de caça
5. Zeus e o cavalo
6. O macaco e a raposa
7. O rouxinol e o pavão
8. O lobo e o pastor
9. O cavalo e o touro
10. O grilo e o rouxinol
11. O rouxinol e o açor
12. O lobo guerreiro

13. A fênix
14. O ganso
15. O carvalho e o porco
16. A vespa
17. O pardal
18. O avestruz
19. O pardal e o avestruz
20. Os cães
21. A raposa e a cegonha
22. A coruja e o caçador de tesouro
23. A jovem andorinha
24. Merops
25. O pelicano
26. O leão e o tigre
27. O touro e o cervo
28. O burro e o lobo
29. O cavalo no xadrez
30. Ésope e o burro

1. A aparição

Na mais isolada profundeza da floresta, onde eu por vezes ouvi animais falantes, encontro-me próximo a uma calma cascata, tentando dar um simples toque de poeticidade ao meu conto de fadas, os quais aparecem preferencialmente em *La Fontaine*, que quase mimou as fábulas. Eu ponderei, eu escolhi, eu rejeitei, a testa brilhava e nada aparecia no papel. Totalmente insatisfeito levanto-me e veja só! Pela primeira vez estava ela a Fabulosa Musa diante de mim.

Então disse ela sorridente:

- Pupilo, para quê esse ingrato esforço? A verdade precisa do charme da Fábula, mas para que precisa a Fábula do charme da harmonia? Tu queres condimentar o condimento. Basta, quando a ficção é do poeta o discurso do historiador é genuíno assim como o conhecimento dos sábios.

Eu queria ter respondido, mas ela desapareceu.

- Ela desapareceu? Ouço um leitor perguntar e ele prossegue. - Se você, provavelmente, queria nos ludibriar, seu encerramento ordinário representa a sua incapacidade. Pôr a Musa em sua boca precisamente uma fraude habitual.

Excelente, meu leitor! Musa alguma para mim apareceu, conto apenas uma mera fábula de onde você mesmo extraiu a lição. Não sou o primeiro e tão pouco serei o último a fazer das suas fantasias uma profecia ou uma divina aparição.

Em sua primeira fábula, denominada *A aparição*, o autor coloca-se como narrador e também personagem. Nela percebemos um pouco do que o mesmo considera importante para as fábulas e que tipo de leitor ele espera para os seus trabalhos. Embora pareça uma percepção simples, e talvez óbvia, essa característica é um dos pontos de análise pressupostos pelo modelo de Nord. Tem-se marcadamente o que se pode inferir como sendo parte da intenção do autor. Ainda na primeira fábula há também a presença do nome de *La Fontaine* em itálico o que é caracterizado como parte dos pressupostos da obra e como marca adjacente.

2. *O hamster e a formiga*

- Pobres formigas, dizia um hamster, vale a pena tanto esforço já que trabalham todo o verão e tão pouco coletam? Talvez devessem ver a minha reserva.

- Escuta, respondeu a formiga, se a sua reserva é maior do que você precisa então é certo que os homens escavam até encontrá-lo, esvaziam a sua reserva e fazem com que pague com sua vida pela sua torpe avareza.

3. *O leão e a lebre*

Aelianus de natura animalium libr. I. cap. 38. Ορρωδεῖ ὁ ἐλέφας κέρασθην κριὸν καὶ χοίρου βοήν.¹ Idem lib. III. Cap. 31. Αλεκτρούνα φοβεῖται ὁ λέων.²

Um leão privilegiou uma engraçada lebre com sua amizade.

- É verdade que vocês leões podem facilmente ser afugentados por um mísero galo cantor? Perguntou um dia a lebre.

- De fato, é uma observação comum que nós grandes animais, em geral, temos uma pequena fraqueza. Logo você já deve ter ouvido, por exemplo, que o grunhido de um porco desperta calafrios e medo no elefante. Respondeu o leão.

- Sério? Interrompeu a lebre. Agora entendo porque nós lebres tememos tanto os cães.

A fábula 2, *O hamster e a formiga*, corrobora para asserção acerca da recepção, pois o uso de menções como pagar com a vida por conta de avareza, não seria definitivamente voltado para qualquer público.

Na fábula 3, *O leão e a lebre*, está a primeira ocorrência de uma espécie de epígrafe. Escrita em grego e com a referência da obra e do capítulo de onde foi retirada. Esse tipo de artifício é utilizado ao longo do Livro I de fábulas, porém não apresenta uma consistência.

¹O elefante teme o grunhido de um porco e os chifres de um carneiro.

² Um galo teme o leão.

4. *O burro e o cavalo de caça*

Um burro comete a besteira de apostar corrida com um cavalo de caça. A prova terminou de maneira patética e o burro foi ridicularizado.

- Eu percebo bem agora a razão do resultado, acerca de um mês pisei em um espinho e ele ainda me causa dor, dizia o burro.

Perdoem-me, dizia o orador *Liederhold*¹, se o meu sermão de hoje não foi tão completo e edificante, como esperado de um abençoado imitador de *Mosheim*². Como podem ouvir, tenho uma garganta rouca já há oito dias.

Na fábula 4, *O burro e o cavalo de caça*, encontram-se os únicos itens que não são previstos pelo modelo de Nord e são primordiais para a compreensão da fábula.

O autor destaca com itálico pessoas que eram, provavelmente, conhecidas de seu público e possivelmente importantes para aquele período. Mesmo não trazendo essa informação em suas notas ou prefácio, o destaque da grafia chama a atenção e faz com que seja necessário compreender a motivação.

Essa identificação é possível pela análise das marcas adjacentes presentes no modelo de Nord e a solução foi fazer com que o leitor recupere essa informação através das Notas de Tradução (NT).

¹ NT: Hans Liederhold, espécie de menestrel contemporâneo de Lessing.

² NT: Johann Lorenz von Mosheim ou Johann Lorenz Mosheim era um historiador da Igreja Luterana Alemã.

5. Zeus e o cavalo

Κάμηλον ὡς δέδουκεν ἵππος, ἔγνω Κῦρός τε καὶ Κροῖσος.¹
Aelianus de nat. an. lib. III. cap. 7.

- Pai dos animais e dos homens, dizia o cavalo ao aproximar-se do trono de Zeus, desejam que eu seja uma das mais belas criaturas com a qual você o mundo adornou e o meu amor próprio me faz acreditar nisso. Mas não haveria, contudo, distintas melhorias?

- E o que tens em mente por melhorias? Diz-me, tomarei nota, falou o bom Deus aos risos.

- Talvez, inicia o cavalo, eu seria mais fugaz se minhas pernas fossem maiores e mais delgadas, um longo pescoço de cisne não me atrapalharia, um peito largo aumentaria a minha força. E então como você uma vez determinou a seus queridos, os homens, carregar, poderia ter uma sela natural e sobre ela o benevolente cavaleiro se poria.

- Bom, retoma Zeus, aguarde um momento.

Zeus com sua feição severa enunciou a palavra da criação, brotou vida na poeira, aglutinou-se em matéria organizada e de repente estava diante do trono, o feio camelo.

O cavalo olhou, arrepiou e estremeceu diante da horrível abominação. E Zeus iniciou:

- Aqui estão pernas maiores e mais finas, aí está um longo pescoço de cisne, um peito largo e uma sela natural. Você deseja cavalo que eu te recrie dessa maneira?

O cavalo ainda tremia.

- Vai, prosseguiu Zeus, dessa vez és educado sem punição. Portanto quando arrependido de sua arrogância, lembra que a nova criação permanece.

Zeus manteve o olhar no camelo e o cavalo não o olhava sem arrepiar-se.

¹ O temor do cavalo ao camelo vivenciou Ciro e Cresos.

6. *O macaco e a raposa*

- Diga-me um animal habilidoso que eu não possa imitar.

Vangloriava-se o macaco frente a raposa. Ela por sua vez revidou:

- E você diga-me um animal tão infame ao qual lhe ocorreria imitar.

Escritores da minha nação! Devo me explicar mais claramente?

7. *O rouxinol e o pavão*

Um amigável rouxinol encontrou entre os cantores da floresta uma multidão de invejosos, mas nenhum amigo. Talvez eu encontre um amigo nas outras espécies, pensou o rouxinol e voou secretamente até o pavão.

- Belo pavão! Eu admiro você.

- Eu o admiro também querido rouxinol.

- Então sejamos amigos, não tenhamos inveja um do outro, você é tão agradável à vista quanto eu aos ouvidos.

*Kneller*¹ e *Pope*² foram melhores amigos que *Pope* e *Addison*³.

Na fábula 7, Lessing utiliza novamente o recurso de mencionar nomes de pessoas para a construção de suas fábulas. Sendo esse um caso que já ocorreu em outra fábula traduzida (Fábulas 1 e 4), utilizaram-se os mesmos procedimentos tradutórios: a pesquisa para saber de quem se tratava e o uso de notas de tradução para que a informação pudesse ser recuperada pelos leitores.

¹ NT: Godfrey Kneller foi um pintor inglês.

² NT: Alexander Pope foi um dos maiores poetas britânicos do século XVIII.

³ NT: Joseph Addison foi um poeta e ensaísta inglês.

8. O lobo e o pastor

Um pastor perdeu todo o seu rebanho durante uma terrível epidemia. Sabendo disso foi o lobo prestar suas condolências.

- Pastor, diz ele, é verdade que tão terrível tragédia ocorreu? Que todo o seu rebanho pereceu? O querido, obediente e gordo rebanho? Eu lamento tanto que choraria lágrimas de sangue.

- Sou grato, mestre Isegrim¹, colocou o pastor, vejo que você tem um coração muito piedoso.

- Isso ele realmente tem, acrescentou o Hylax do pastor, muitas vezes ele padece pela tragédia do seu próximo.

9. O cavalo e o touro

Sobre um cavalo alvoroçado voava orgulhosamente um garoto insolente. Próximo dali gritou um touro selvagem para o cavalo:

- Humilhante! Por um garoto não me deixaria dominar.

- Mas eu, que honra me traria derrubar um garoto? Revidou o cavalo.

Na fábula 8, o autor resolve utilizar os nomes que são dados aos animais nas fábulas alemãs. Essa informação seria possivelmente mais fácil de recuperar do que as anteriores por estarem presentes também em outras fábulas. No entanto, é melhor que estejam explicitadas para que a informação não se perca.

¹ NT: Isegrim (lobo) e Hylax (cão) são nomes dados aos animais nas fábulas alemãs.

10. O grilo e o rouxinol

- Eu lhe asseguro que aos meus cantos não faltam admiradores, dizia o grilo ao rouxinol.

- Não me diga, respondeu o rouxinol.

Seguiu então o grilo dizendo:

- Os diligentes ceifadores me ouvem com muito prazer, e são eles as pessoas úteis na república humana, e quanto a isso não contestarás?

- Não contestarei isso, mas por essa razão tu não deverias se orgulhar dos aplausos. Às pessoas cujos pensamentos estão apenas em sua tarefa devem faltar o requinte. Replicou o rouxinol

- Não se gabe tão cedo da sua canção e também de nada, pois até mesmo o despreocupado pastor, que tão graciosamente toca sua flauta se deleita em silêncio.

11. O rouxinol e o gavião

Um gavião disparou em direção a um cantante rouxinol.

- Tu cantas tão bem, teu sabor há de ser excelente!

Terá sido debochado sarcasmo ou ingenuidade, o que disse o gavião? Eu não sei. Mas ontem ouvi dizer: este quarto de mulher, tão incomparavelmente vedado, não deve ser um quarto encantador! E isso era definitivamente ingenuidade!

12.O lobo guerreiro

Um jovem lobo vangloriava-se dos grandes feitos de seu pai a uma raposa.

- Meu pai foi um verdadeiro herói! Que coisas terríveis não fez ele em toda região! Triunfou sobre mais de duzentos inimigos e, uma a uma, mandou suas almas ao Reino da Perdição, um milagre que tenha finalmente sucumbido!

- Só um orador fúnebre enunciaria assim, respondeu a raposa e prosseguiu, um historiador imparcial, no entanto, adicionaria que os duzentos inimigos sobre os quais ele, um a um, triunfou eram ovelhas e burros e o único inimigo ao qual ele sucumbiu fora o primeiro touro que ele audaciosamente atacou.

13. A fênix

Após centenas de anos contenta-se a fênix em mais uma vez ser vista. Ela aparece e todos os animais e pássaros reúnem-se em torno dela. Eles a encaram, admiram, ficam maravilhados e elogiam fervorosamente.

Porém minutos depois, aliados aos melhores olhares misericordiosos, suspiram:

- Pobre fênix! A ela o difícil fado, nem é amada nem tem amigos, pois é a única de sua espécie.

14. O ganso

As penas de um ganso envergonhavam a neve recém-caída. Orgulhoso desse maravilhoso presente da natureza, acreditou ele logo ser um cisne ao invés do que havia nascido. Ele separou-se de seus semelhantes e nadou majestosamente sozinho pelo lago. Em seguida esticou o seu pescoço, esse curto traiçoeiro, quis com toda força corrigi-lo, procurou dar ao pescoço a gloriosa curva a qual o cisne, digno da reputação de ave de Apolo, é dono. Obviamente em vão, seu pescoço era muito duro e todo o esforço o tornou um ganso ridículo ao invés de um cisne.

15. O carvalho e o porco

Um porco glutão se fartava com os frutos caídos de um alto carvalho, enquanto mastigava uma bolota já engolia outra com os olhos.

- Ingrata criatura! Tu te alimentas dos meus frutos sem sequer me dirigir um olhar de gratidão.

Lamenta do alto o carvalho.

O porco parou por um momento e grunhiu em resposta:

- Meus olhares de gratidão não precisam ser externados, salvo se eu soubesse que é por minha causa que você deixa suas bolotas caírem.

16. *A vespa*

Ἴππος ἐρριμμένος σφηκῶν γένεσις ἔστιν.¹
Aelianus de nat. animal. lib. I. cap. 28.

Podridão e decomposição devastam o soberbo corpo de um cavalo que com seu audacioso cavaleiro foi fuzilado. Da ruína de alguns precisa sempre a natureza para a existência de outros. E assim voou de dentro do cadáver abandonado um enxame de jovens vespas dizendo:

- Oh! Que divina origem temos nós, o magnífico cavalo, o favorito de Netuno, é o nosso criador.

Essa bizarra arrogância ouviu o atento fabulista e pensou nos italianos de hoje, que se imaginam nada menos do que descendentes dos antigos imortais romanos, pois nasceram de seus túmulos.

Na fábula 16, o autor faz uma crítica explícita aos italianos.

17. *O pardal*

Uma antiga igreja que abrigava incontáveis ninhos de pardal foi restaurada e agora apresentava seu novo esplendor. Vieram novamente os pardais em busca de suas antigas moradias e encontraram tudo murado.

- Para que serve então esse grande edifício? Vamos, deixem esse monte de pedras inútil! Gritaram eles ao partir.

Na fábula 17, a crítica é à igreja católica como instituição.

¹ Um cavalo morto é o genitor da vespa.

18. O avestruz

Ἡ στρουθος ἡ μεγάλη λαίωσις μὲν τοῖς πτεροῖς ἐπιτερωταί, ἀρθῆναι δὲ καὶ εἰς βάθου ἀερά μετειορῖσθῆναι φύσιν οὐκ ἔχει· θεί δὲ ὠκίστα, καὶ τὰς παρὰ τὴν πλευρὰν ἐκατέραν πτερυγὰς ἀπλοὶ, καὶ ἐπιπτον τὸ πνεῦμα κολποὶ δίκην ἰστιῶν αὐτὰς· πτήσιν δὲ οὐκ οἶδεν.^[5] Aelianus lib. II. c. 26.

1

- Agora eu quero voar. Gritou o gigante avestruz e toda a população de pássaros se pôs ao seu redor em grande expectativa.

- Agora eu quero voar, gritou ele mais uma vez, estendeu as poderosas asas feito um barco com velas içadas e disparou sobre o chão sem perder um passo.

Contemplem, lá uma imagem poética aquelas cabeças não poéticas, aqueles que na primeira linha de seus enormes odes orgulhosamente se gabam acima das nuvens e estrelas ameaçam se elevar e permanecem sempre fiéis a poeira!

19. O pardal e o avestruz

- Se orgulhe do seu tamanho e de sua força o quanto quiser, eu sou mais pássaro que você, porque você não pode voar e eu posso, embora não tão alto e apenas aos arranques. Disse o pardal ao avestruz

O simples autor de uma divertida canção de bar ou um pequeno canto de amor é mais gênio do que um monótono escritor de uma longa *Hermanniade*.²

Fábula 19, apresenta o neologismo *Hermanniade*, criado pelo autor a partir do nome do personagem Hermann como forma de crítica aos grandes trabalhos que levavam décadas para que ficassem pronto. Como por exemplo Friedrich Gottlieb Klopstock e sua obra intitulada *Messias* a qual o autor se dedicou durante 20 anos.

¹ O grande avestruz é provido de frondosas asas; a natureza não permite que ele decole e se eleve alto no ar. Mas ele corre velozmente abre as asas e quando o vento está sob elas, ele plana feito uma vela, no entanto não pode voar.

² NT: Provocação dirigida ao poeta alemão Friedrich Gottlieb Klopstock, autor da trilogia cujo protagonista recebe o nome de Hermann.

20. Os cães

ΛΕΟΝΤΙ ΟΜΟΣΕ ΧΩΡΕΙ ΚΥΩΝ ΙΝΔΙΚ ῆ - και πολλα αυτου λυπησας και κατατρωσας, τελευτων ητταται ο κυων.^[6] Aelianus lib. IV. cap. 19.

.1

- Como é degenerada a nossa raça nessa terra! Relatava um poodle viajante em uma terra distante a qual os homens chamaram de Índia, existiam cães autênticos, cães meus irmãos, que não temiam um leão e audaciosamente o enfrentavam. Vocês não acreditariam, mas eu vi com meus próprios olhos.

- Eles venciam o leão? Perguntou então ao poodle um sereno cão de caça.

- Vencer? Isso não posso afirmar, pensava apenas no ataque a um leão!

- Se não venceram, então seus gloriosos cães na Índia não são nada melhores do que nós, mas em boa parte estúpidos. Concluiu assim o cão de caça.

21. A raposa e a cegonha

- Conta-me algo sobre as outras terras que você visitou. Pediu uma raposa a, viajante assídua, cegonha.

Em seguida iniciou a cegonha a nomear cada poça e prado úmido onde ela saborosos vermes e enormes sapos degustou.

Por muito tempo você esteve em Paris, qual o melhor lugar para se comer? Que vinhos encontrou que eram do seu gosto?

¹ Um cão indiano ataca o leão, o importuna e também o fere, contudo no final ele é vencido.

22. *A coruja e o caçador de tesouro*

Certo caçador de tesouro era um homem muito ordinário, arriscava-se em ruínas de antigos castelos de nobres ladrões, lá avistou uma coruja que capturara e comera um rato magro.

- Isso é suficiente para o querido filósofo de Minerva? Perguntou o caçador de tesouro.

- Por que não? Só porque gosto de silenciosas reflexões, posso viver só de ar? Eu sei, no entanto, que vocês homens exigem isso de vossos sábios. Respondeu a coruja.

23. *A jovem andorinha*

- O que estão fazendo? Perguntou uma jovem andorinha às ocupadas formigas.

- Coletamos suprimentos para o inverno, foi a rápida resposta.

- Que inteligente, também vou fazer isso, disse a andorinha, e logo começou a carregar aranhas e moscas mortas para o ninho.

- Mas para que seria isso? Perguntou finalmente sua mãe.

- Para quê? Para o duro inverno querida mãe, faça o mesmo, as formigas me ensinaram a ter esse cuidado.

Explica então a mãe:

- Deixe apenas para as formigas essas pequenas astúcias mundanas, o que é o bastante para elas não é o melhor para as andorinhas. Para nós a benevolente natureza determinou um destino oportuno. Quando o rico verão terminar, nós partiremos daqui, nessa viagem dormiremos e ao chegarmos, teremos charcos afáveis onde sem demandas descansaremos até que a nova primavera, para uma nova vida, nos desperte.

Fábula 22, há uma crítica a respeito do quanto os seres humanos exigem de seus sábios.

24. *Merops*

Ο Μεροψ το ορνεον εμπάλιν, φάσι, τοις άλλοις άπασι πετέται· τα μεν γαρ εις τουμπροσθεν ιεται και κατ' οφθαλμους, το δε εις τουπισω.^[7]

1

Preciso perguntar-lhe algo, disse uma jovem águia para uma sábia coruja.

- Dizem que há um pássaro de nome Merops que quando está no ar com a cauda para frente e cabeça virada para a terra, pode voar. É verdade?

- Certamente não, isso é mais uma invenção ridícula dos homens. O homem pode ser tal Merops, pois ele voaria com gosto ao céu sem sequer por um momento perder a vista da Terra. Respondeu a coruja.

25. *O pelicano*

Aelianus de nat. animal. libr. III. Cap. 30.

Por crianças bem sucedidas os pais não podem fazer muito, porém se um pai tolo retira o sangue do próprio coração para um filho degenerado, então o amor se transforma em estupidez.

Um dedicado pelicano viu seus filhotes definharem, cortou o próprio peito com o bico afiado e com sangue reanimou os filhotes.

- Eu admiro a sua ternura e lamento a sua cegueira. Veja só, você chocou com os seus filhos alguns cucos. Gritou a águia para ele.

Realmente, foi isso mesmo, tinha ele também sido enganado pelos ovos do cuco trapaceiro. Teriam algum valor os ingratos cucos, para que suas vidas custassem tanto?

A fábula 24 apresenta o primeiro vestígio da inconsistência do uso das epígrafes, nela encontramos apenas os escritos em grego mas não a referência de onde ela foi retirada. Porém esse fato não acarreta nenhuma problemática para a compreensão da fábula.

Na fábula 25 ocorre exatamente o contrário, tem-se a referência da obra, mas já não existe os escritos em grego, como vinha sendo apresentado anteriormente.

¹ Diz o homem que o passáro Merops voa de maneira contrária aos demais, sendo com a cauda para frente e a cabeça para trás.

26. O leão e o tigre

Aelianus de nat. animal. libr. II. Cap. 12.

O leão e a lebre ambos dormem com os olhos abertos. Outrora, fatigado de sua grande caçada dormiu o leão na entrada de seu temível covil. Saltou por lá um tigre e riu do dorminhoco.

- Não o destemido leão! Gritava o tigre, ele não dorme com os olhos abertos como uma lebre!

- Como uma lebre? Rugiu e saltou repentinamente o leão na garganta do zombador.

O tigre rolava em seu próprio sangue e o tranquilo vencedor deitou-se novamente para dormir.

27. O touro e o cervo

Um pesado touro e um fugaz cervo pastavam juntos em um prado.

- Cervo, no caso do leão nos atacar, vamos ficar unidos como um só, juntos podemos bravamente afugentar o leão. Disse o touro.

- Isso não me deixa a vontade, porque eu deveria entrar em uma luta desigual com o leão se posso escapar em segurança? Revidou o cervo.

28. O burro e o lobo

Um burro encontrou um lobo faminto.

- Tenha compaixão comigo, eu sou um pobre animal doente, veja que espinho tenho no pé, disse o burro trêmulo.

- Realmente, você me comoveu, continuou o lobo, e eu concordo com minha consciência em livrá-lo dessas dores.

Mal terminou de falar e devorou o burro.

29. O cavalo no xadrez

Dois jovens queriam jogar xadrez, devido à falta de um cavalo fizeram eles, através de uma marcação, de um simples peão um cavalo.

- Ei, de onde vens senhor passo a passo? Zombaram antecipadamente os outros cavalos.

Os jovens ouviram a gozação e falaram:

- Silêncio! Não nos faz ele o mesmo serviço que você faz?

30. Ésopo e o burro

O burro disse a ésopo:

- Se publicares novamente uma historinha sobre mim, então deixa-me falar algo racional e significativo.

- Você algo significativo! Repetiu ésopo.

- Como seria isso adequado? Não diria o homem que você seria o filósofo e eu o burro?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário do que apontam as críticas acerca da aplicação do modelo de Nord às obras literárias, para o caso em questão - a tradução de fábulas - o modelo mostrou-se adequado e cumpriu com o seu objetivo de sistematização e identificação de itens importantes e relevantes para o processo de tradução.

A aplicação direta do modelo de Nord ao texto de partida foi primordial para a execução da tradução comentada.

Como referido pela própria autora, o modelo não se propõe a ser conclusivo ou à prova de falhas. Nas fábulas, por exemplo, encontram-se por isso encontra-se artifícios, geralmente utilizados em textos literários, como foi o caso da referência a nomes de pessoas sem a devida explicação, que não são previstos por esse modelo e que talvez por nenhum outro, por ser algo não frequente.

A ausência de outros trabalhos que apliquem o modelo à tradução de fábulas dificulta a realização de afirmações em caráter comparativo. Mas certamente, com base neste trabalho, posso dizer que: a) para esse trabalho o modelo de Nord, por si só, foi satisfatório; b) a tradução de fábulas possui os mesmos desafios que qualquer outra tarefa de tradução e, por isso, não deve ser subestimada.

Discordo daqueles que reivindicam um status superior ao texto literário. Acredito, na verdade, que, como qualquer outra tradução especializada, se o tradutor já possui experiência na área (isso faz com o que) o seu trabalho terá maior fluidez e o tradutor menos problemas no decorrer do processo.

Em relação a Lessing e suas fábulas, fica clara, após as traduções uma tendência à ironia, à sátira, críticas à sociedade, aos costumes, diferentes grupos e à igreja, o que acredito serem características do autor, embora saiba que as fábulas também possuem essa característica. Mas não vejo isso ou qualquer outra razão, pelo menos no explorado até aqui, para não ter o autor uma boa receptividade em relação aos seus trabalhos como fabulista.

Para se chegar a algo mais conclusivo a respeito desse tópico seria necessário uma investigação mais aprofundada sobre o estilo do autor. Talvez a tradução dos outros dois livros de fábulas do autor mostre elementos distintos dos presentes no primeiro livro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fábio. Análise textual e tradução: aplicando o modelo de Nord (1988) aos trabalhos de tradução do Projeto Expressway nº1/Section 10 no Iraque. In: Veronila Benn-Ibler. (Org.). *Interfaces Culturais Brasil-Alemanha*. 1.ed. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006, p. 109-124.
- CAVALCANTI, Aroldo José A. Contra-indicada para menores: fábula é coisa de adulto. *Revista Ararobá: Pesquisa, Ensaios e Críticas Literárias* Ano 1, Maio 2007.
- FERREIRA, Rui Diogo Marques. A tradução literária numa perspectiva metodológica: problemas de tradução em *Le livre des fuites*, de J. M. G. Le Clézio. Projecto de mestrado em Tradução (Francês), apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.
- FIORIN, José; PLATÃO, Francisco. *Para entender o texto: leitura e redação*. 8. ed.. São Paulo: Ática, 1984.
- KILIAN, Cristiane. *A retomada de unidades de significação especializada em textos em língua alemã e portuguesa sobre gestão de resíduos: uma contribuição para a tradução técnico-científica*. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- LEAL, Alice Borges. *Funcionalismo Alemão e Tradução Literária: quatro projetos para tradução de The Years, de Virginia Woolf*. Dissertação Mestrado em Estudos da Tradução. PGET, UFSC, 2007.
- LEAL, Alice Borges. *Funcionalismo e tradução literária – o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos*. Curitiba, 2005.
- Gotthold Ephraim Lessing. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$gotthold-ephrain-lessing](http://www.infopedia.pt/$gotthold-ephrain-lessing). Acesso em 21 de Agosto de 2013.
- LESSING, Gotthold Ephraim. *Fabeln: Abhandlungen über die Fabel*. Frankfurt am Main S. Fischer Verlag, 2009.
- MELLO SOBRINHO, Evaldo C. Gotthold Ephraim Lessing. *Boletim Inter-Cultural* Rio de Janeiro, v. 42, 2008.
- MICHELLI, Regina. *A fábula e suas armadilhas*. In: 16º COLE- Congresso de Leitura do Brasil, 2007, Campinas. Anais do 16º COLE - No mundo há muitas armadilhas. Campinas: ALB / UNICAMP, 2007. p. 1-10.
- NORD, Christiane. *Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*, Heidelberg: Groos 1988.

OLIVEIRA, L. S. ; LEITE, L. Fábulas: narrativas lúdicas para adultos e crianças. *RevLet: Revista Virtual de Letras*, v. 4, p. 359-369, 2012.

REISS, K.; VERMEER, H. J. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer, 1984.

RELVÃO, Angêla Maria Lucas. *Do Outro Lado, do Lado do Outro*. Tradução comentada de três capítulos da obra *Textos literarios y contextos escolares: la escuela en La literatura y la literatura en la escuela*, de Carlos Lomas (Org.). Dissertação Mestrado em Letras. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2010.

SANTOS, Adriana Maximino dos ; ACCÁCIO, Manuela A. Funcionalismo alemão e tradução de literatura imigratória. *Literatura em debate* (URI), v.2, p. 1-15, 2008.

SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. Trad. Margarete von Mühlen Poll. In: HEIDERMAN, W. (Org.). *Clássicos da teoria da Tradução: antologia bilíngüe*, v. I, alemão português. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. p. 26-87.

VENUTI, L. Strategies of Translation. In: BAKER, Mona (Ed.) *Routledge Encyclopaedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge, 1998, p. 240-244.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

ANEXO A

TEXTOS DE PARTIDA

Gotthold Ephraim Lessing

Fabeln

Erstes Buch

1. Die Erscheinung
2. Der Hamster und die Ameise
3. Der Löwe und der Hase
4. Der Esel und das Jagdpferd
5. Zeus und das Pferd
6. Der Affe und der Fuchs
7. Die Nachtigall und der Pfau
8. Der Wolf und der Schäfer
9. Das Ross und der Stier
10. Die Grille und die Nachtigall
11. Die Nachtigall und der Habicht
12. Der kriegerische Wolf
13. Der Phönix
14. Die Gans
15. Die Eiche und das Schwein
16. Die Wespen
17. Die Sperlinge
18. Der Strauss
19. Der Sperling und der Strauss
20. Die Hunde
21. Der Fuchs und der Storch
22. Die Eule und der Schatzgräber
23. Die junge Schwalbe
24. Merops
25. Der Pelikan
26. Der Löwe und der Tiger

- 27. Der Stier und der Hirsch
- 28. Der Esel und der Wolf
- 29. Der Springer im Schache
- 30. Aesopus und der Esel

1. Die Erscheinung

In der einsamsten Tiefe jenes Waldes, wo ich schon manches redende Tier belauscht, lag ich an einem sanften Wasserfalle und war bemüht, einem meiner Märchen den leichten poetischen Schmuck zu geben, in welchem am liebsten zu erscheinen *La Fontaine* die Fabel fast verwöhnt hat. Ich sann, ich wählte, ich verwarf, die Stirne glühte--Umsonst, es kam nichts auf das Blatt. Voll Unwill sprang ich auf; aber sieh!-- auf einmal stand sie selbst, die fabelnde Muse vor mir.

Und sie sprach lächelnd: Schüler, wozu die undankbare Mühe? Die Wahrheit braucht die Anmut der Fabel; aber wozu braucht die Fabel die Anmut der Harmonie? Du willst das Gewürze würzen. Gnug, wenn die Erfindung des Dichters ist; der Vortrag sei des ungekünstelten Geschichtsschreibers, so wie der Sinn des Weltweisen.

Ich wollte antworten, aber die Muse verschwand. >> Sie verschwand? << höre ich einen Leser fragen. >> Wenn du uns doch nur wahrscheinlicher täuschen wolltest! Die seichten Schlüsse, auf die dein Unvermögen dich führte, der Muse in den Mund zu legen! Zwar ein gewöhnlicher Betrug-<<

Vortrefflich, mein Leser! Mir ist keine Muse erschienen. Ich erzähle eine bloße Fabel, aus der du selbst die Lehre gezogen. Ich bin nicht der erste und werde nicht der letzte sein, der seine Grillen zu Orakelsprüchen einer göttlichen Erscheinung macht.

2. Der Hamster und die Ameise

Ihr armseligen Ameisen, sagte ein Hamster. Verlohnt es sich der Mühe, dass ihr den ganzen Sommer arbeitet, um ein so Weniges einzusammeln? Wenn ihr meinen Vorrat sehen solltet!--

Höre, antwortete eine Ameise, wenn er größer ist, als du ihn brauchst, so ist es schon recht, dass die Menschen dir nachgraben, deine Scheuren ausleeren und dich deinen räuberischen Geiz mit dem Leben büßen lassen!

3. Der Löwe und der Hase

Aelianus de natura animalium libr. I. cap. 38. Ορρωδεῖ ὁ ἐλέφας κεράστην κριὸν καὶ χοίρου βοήν.¹ Idem lib. III. Cap. 31. Αλεκτρούνα φοβεῖται ὁ λέων.²

Ein Löwe würdigte einen drolligen Hasen seiner näheren Bekanntschaft. Aber ist es denn wahr, fragte ihn einst der Hase, dass euch Löwen ein elender krähender Hahn so leicht verjagen kann?

Allerdings ist es wahr, antwortete der Löwe; und es ist eine allgemeine Anmerkung, dass wir großen Tiere durchgängig eine gewisse kleine Schwachheit an uns haben. So wirst du, zum Exempel, von dem Elefanten gehört haben, dass ihm das Grunzen eines Schweins Schauer und Entsetzen erwecket. -

Wahrhaftig? unterbrach ihn der Hase. Ja, nun begreif' ich auch, warum wir Hasen uns so entsetzlich vor den Hunden fürchten.

4. Der Esel und das Jagdpferd

Ein Esel vermass sich, mit einem Jagdpferd um die Wette zu laufen. Die Probe fiel erbärmlich aus, und der Esel ward ausgelacht. Ich merke nun wohl, sagte der Esel, woran es gelegen hat; ich trat mir vor einigen Monaten einen Dorn in den Fuß, und der schmerzt mich noch.

Entschuldigen Sie mich, sagte der Kanzelredner *Liederhold*, wenn meine heutige Predigt so gründlich und erbaulich nicht gewesen, als man sie von dem glücklichen Nachahmer eines *Mosheims* erwartet hätte; ich habe, wie Sie hören, einen heisern Hals, und den schon seit acht Tagen.

¹Der Elefant fürchtet eines Widders Hörner und eines Schweines Grunzen.

² Einen Hahn fürchtet der Löwe.

5. Zeus und das Pferd

Κάμηλον ὡς δέδοικεν ἵππος, ἔγνω Κῦρός τε καὶ Κροῖσος.¹

Aelianus de nat. an. lib. III. cap. 7.

Vater der Tiere und Menschen, so sprach das Pferd und nahte sich dem Throne des Zeus, man will, ich sei eines der schönsten Geschöpfe, womit du die Welt gezieret, und meine Eigenliebe heißt es mich glauben. Aber sollte gleichwohl nicht noch verschiedenes an mit zu bessern sein? -

Und was meinst du denn, das an dir zu bessern sei? Rede, ich nehme Lehre an, sprach der gute Gott und lächelte.

Vielleicht, sprach das Pferd weiter, würde ich flüchtiger sein, wenn meine Beine höher und schmächtiger wären; ein langer Schwanenhals würde mich nicht verstellen; eine breitere Brust würde meine Stärke vermehren; und da du mich doch einmal bestimmt hast, deinen Liebling, den Menschen, zu tragen, so könnte mir ja wohl der Sattel anerschaffen sein, den mir der wohlthätige Reiter auflegt.

Gut, versetzte Zeus, gedulde dich einen Augenblick! Zeus, mit ernstem Gesichte, sprach das Wort der Schöpfung. Da quoll Leben in den Staub, da verband sich organisierter Stoff; und plötzlich stand vor dem Throne - das hässliche *Kamel*.

Das Pferd sah, schauderte und zitterte vor entsetzendem Abscheu.

Hier sind höhere und mächtigere Beine, sprach Zeus; hier ist ein langer Schwanenhals; hier ist eine breitere Brust; hier ist der anerschaffene Sattel! Willst du, Pferd, dass ich dich so umbilden soll?

Das Pferd zitterte noch.

Geh, fuhr Zeus fort; dieses Mal sei belehrt, ohne bestraft zu werden. Dich deiner Vermessenheit aber dann und wann reuend zu erinnern, so daure du fort, neues Geschöpf - Zeus warf einen erhaltenden Blick auf das Kamel - und das Pferd erblicke dich nie, ohne zu schauern.

6. Der Affe und der Fuchs

Nenne mir ein so geschicktes Tier, dem ich nicht nachahmen könnte! so prahlte der Affe gegen den Fuchs. Der Fuchs aber erwiderte: Und du, nenne mir ein so geringschätziges Tier, dem es einfallen könnte, dir nachzuahmen.

Schriftsteller meiner Nation!--Muss ich mich noch deutlicher erklären?

¹ Wie das Pferd ein Kamel fürchtet, das erfahren Cyrus und Kroesus.

7. Die Nachtigall und der Pfau

Eine gesellige Nachtigall fand, unter den Sängern des Waldes, Neider die Menge, aber keinen Freund. Vielleicht finde ich ihn unter einer andern Gattung, dachte sie und floh vertraulich zu dem Pfau herab.

Schöner Pfau! ich bewundere dich. >> Ich dich auch, liebliche Nachtigall! << So lass uns Freunde sein, sprach die Nachtigall weiter; wir werden uns nicht beneiden dürfen; du bist dem Auge so angenehm als ich dem Ohre.

Die Nachtigall und der Pfau wurden Freunde.

Kneller und *Pope* waren bessere Freunde als *Pope* und *Addison*.

8. Der Wolf und der Schäfer

Ein Schäfer hatte durch eine grausame Seuche seine ganze Herde verloren. Das erfuhr der Wolf und kam, seine Kondolenz abzustatten.

Schäfer, sprach er, ist es wahr, dass dich ein so grausames Unglück betroffen? Du bist um deine ganze Herde gekommen? Die liebe, fromme, fette Herde? Du dauerst, mich, und ich möchte blutige Tränen weinen.

Habe Dank, Meister Isegrim", versetzte der Schäfer. "Ich sehe, du hast ein sehr mitleidiges Herz.

Das hat er auch wirklich", fügte des Schäfers Hylax hinzu, "so oft er unter dem Unglücke seines Nächsten selbst leidet.

9. Das Ross und der Stier

Auf einem feurigen Rosse flog stolz ein dreister Knabe daher. Da rief ein wilder Stier dem Rosse zu: Schande! Von einem Knaben ließ ich mich nicht regieren!

Aber ich, versetzte das Ross. Denn was für Ehre könnte es mir bringen, einen Knaben abzuwerfen?

10. Die Grille und die Nachtigall

Ich versichre dich, sagte die Grille zu der Nachtigall, dass es meinem Gesange gar nicht an Bewundrern fehlt. — Nenne mir sie doch, sprach die Nachtigall. — Die arbeitsamen Schnitter, versetzte die Grille, hören mich mit vielem Vergnügen, und dass dieses die nützlichsten Leute in der menschlichen Republik sind, das wirst du doch nicht leugnen wollen?

Das will ich nicht leugnen, sagte die Nachtigall, aber deswegen darfst du auf ihren Beifall nicht stolz sein. Ehrlichen Leuten, die alle ihre Gedanken bei der Arbeit haben, müssen ja wohl die feinem Empfindungen fehlen. Bilde dir also ja nichts eher auf dein Lied

ein, als bis ihm der sorglose Schäfer, der selbst auf seiner Flöte sehr lieblich spielt, mit stillem Entzücken lauschet.

11. Die Nachtigall und der Habicht

Ein Habicht schoss auf eine singende Nachtigall. Da du so lieblich singst, sprach er, wie vortrefflich wirst du schmecken!

War es höhnische Bosheit, oder war es Einfalt, was der Habicht sagte? Ich weiß nicht. Aber gestern hört ich sagen: dieses Frauenzimmer, das so unvergleichlich dichtet, muss es nicht ein allerliebstes Frauenzimmer sein! Und das war gewiss Einfalt!

12. Der kriegerische Wolf

Mein Vater, glorreichen Andenkens, sagte ein junger Wolf zu einem Fuchse, das war ein rechter Held! Wie fürchterlich hat er sich nicht in der ganzen Gegend gemacht! Er hat über mehr als zweihundert Feinde, nach und nach triumphiert, und ihre schwarze Seelen in das Reich des Verderbens gesandt. Was Wunder also, dass er endlich doch einem unterliegen musste!

So würde sich ein Leichenredner ausdrücken, sagte der Fuchs; der trockene Geschichtsschreiber aber würde hinzusetzen: Die zweihundert Feinde, über die er, nach und nach, triumphieret, waren Schafe und Esel; und der eine Feind, dem er unterlag, war der erste Stier, den er sich anzufallen erkühnte.

13. Der Phönix

Nach vielen Jahrhunderten gefiel es dem Phönix, sich wieder einmal sehen zu lassen. Er erschien, und alle Tiere und Vögel versammelten sich um ihn. Sie gafften, sie staunten, sie bewunderten und brachen in entzückendes Lob aus.

Bald aber verwandten die besten und geselligsten mitleidvoll ihre Blicke und seufzten: Der unglückliche Phönix! Ihm ward das harte Los, weder Geliebte noch Freunde zu haben; denn er ist der einzige seiner Art!

14. Die Gans

Die Federn einer Gans beschämten den neugeborenen Schnee. Stolz auf dieses blendende Geschenk der Natur, glaubte sie eher zu einem Schwane als zu dem, was sie war, geboren zu sein. Sie sonderte sich von ihresgleichen ab und schwamm einsam und majestätisch auf dem Teiche herum. Bald dehnte sie ihren Hals, dessen verräterischer Kürze sie mit aller Macht abhelfen wollte; bald suchte sie ihm die prächtige Biegung zu geben, in welcher der Schwan das würdige Ansehen eines Vogels des Apollo hat. Doch vergebens; er war zu steif, und mit aller ihrer Bemühung brachte sie es nicht weiter, als dass sie eine lächerliche Gans ward, ohne ein Schwan zu werden.

15. Die Eiche und das Schwein

Ein gefräßiges Schwein mästete sich, unter einer hohen Eiche mit, der herabgefallenen Frucht. Indem es die eine Eichel zerbiss, verschluckte es bereits eine andere mit dem Auge.

Undankbares Vieh! rief endlich der Eichbaum herab. Du nährst dich von meinen Früchten ohne einen einzigen dankbaren Blick auf mich in die Höhe zu richten.

Das Schwein hielt einen Augenblick inne und grunzte zur Antwort: Meine dankbaren Blicke sollten nicht außen bleiben, wenn ich nur wüsste, dass du deine Eicheln meinetwegen hättest fallen lassen.

16. Die Wespen

Ἴππος ἐρριμμένος σφηκῶν γένεσις ἐστίν.¹

Aelianus de nat. animal. lib. I. cap. 28.

Fäulnis und Verwesung zerstörten das stolze Gebäu eines kriegerischen Rosses, das unter seinem kühnen Reiter erschossen worden. Die Ruinen des einen braucht die allzeit wirksame Natur zu dem Leben des anderen. Und so floh auch ein Schwarm junger Wespen aus dem beschmeißten Aas hervor. Oh, riefen die Wespen, was für eines göttlichen Ursprungs sind wir! Das prächtigste Ross, der Liebling Neptuns, ist unser Erzeuger!

Diese seltsame Prahlerei hörte der aufmerksame Fabeldichter und dachte an die heutigen Italiener, die sich nichts Geringeres, als Abkömmlinge der alten unsterblichen Römer zu sein, einbilden, weil sie auf ihren Gräbern geboren worden.

17. Die Sperlinge

Eine alte Kirche, welche den Sperlingen unzählige Nester gab, ward ausgebessert. Als sie nun in ihrem neuen Glanze dastand, kamen die Sperlinge wieder, ihre alten Wohnungen zu suchen. Allein sie fanden sie alle vermauert. Zu was, schrien sie, taugt denn nun das große Gebäude? Kommt, verlasst den unbrauchbaren Steinhaufen!

¹ Ein gefallenes Ross ist Ursprung der Wespen.

18. Der Strauss

Ἡ στρουθος ἡ μεγαλή λαίωις μὲν τοῖς πτεροῖς ἐπτερωταί, ἀρθῆναι δὲ καὶ εἰς βαθύν αἆρα μετῆορι θῆναι φύσιν οὐκ ἔχει· θεί δὲ ὠκίστα, καὶ τὰς παρατῆν πλευρὰν ἐκατέραν πτερυγὰς ἀπλοῖ, καὶ ἐμπίπτου τὸ πνεῦμα κολποὶ δίκην ἰστίων αὐτὰς· πτήσιν δὲ οὐκ οἶδεν.^[61] Aelianus lib. II. c. 26. /

Itzt will ich fliegen, rief der gigantische Strauss, und das ganze Volk der Vögel stand in ernster Erwartung um ihn versammelt. Itzt will ich fliegen", rief er nochmals, breitete die gewaltigen Fittiche weit aus und schoss, gleich einem Schiffe mit aufgespannten Segeln, auf dem Boden dahin, ohne ihn mit einem Tritte zu verlieren.

Sehet da ein poetisches Bild jener unpoetischen Köpfe, die in den ersten Zeilen ihrer ungeheuren Oden mit stolzen Schwingen prahlen, sich über Wolken und Sterne zu erheben drohen und dem Staube doch immer getreu bleiben!

19. Der Sperling und der Strauss

Sei auf deine Größe, auf deine Stärke so stolz wie du willst, sprach der Sperling zu dem Strauße. Ich bin doch mehr ein Vogel als du. Denn du kannst nicht fliegen, ich aber fliege, obgleich nicht hoch, obgleich nur ruckweise.

Der leichte Dichter eines fröhlichen Trinkliedes, eines kleinen verliebten Gesanges, ist mehr ein Genie, als der schwunglose Schreiber einer langen Hermanniade.

20. Die Hunde

Λεοντι ὁμοσε χωρεὶ κυῶν Ἰνδικῶν - καὶ πολλὰ αὐτὸν λυπησὰς καὶ κατατρωσὰς, τελευτῶν ἠττάται ὁ κυῶν.^[62] Aelianus lib. IV. cap. 19. 2

Wie ausgeartet ist hierzulande unser Geschlecht!" sagte ein gereister Budel. In dem fernen Weltteile, welches die Menschen Indien nennen, da, da gibt es noch rechte Hunde; Hunde, meine Brüder - ihr werdet es mir nicht glauben, und doch habe ich es mit meinen Augen gesehen - die auch einen Löwen nicht fürchten und kühn mit ihm anbinden.

Aber, fragte den Budel ein gesetzter Jagdhund, überwinden sie ihn denn auch, den Löwen?

Überwinden? war die Antwort. "Das kann ich nun eben nicht sagen. Gleichwohl, bedenke nur, einen Löwen anzufallen!

¹ Der große Strauß ist mit buschigen Flügeln versehen; die Natur verstattet ihm jedoch nicht, sich zu erheben und sich hoch in die Luft emporzuschwingen. Aber er läuft sehr schnell und entfaltet die Flügel zu beiden Seiten; und wenn der Wind hineinfährt, bläht er sie wie Segel – dennoch kann er nicht fliegen.

² Ein indischer Hund fällt den Löwen an, belästigt und verwundet ihn wohl auch, unterliegt ihm aber schließlich doch.

Oh, fuhr der Jagdhund fort, "wenn sie ihn nicht überwinden, so sind deine gepriesene Hunde in Indien - besser als wir, soviel wie nichts - aber ein gut Teil dümmer.

21. Der Fuchs und der Storch

Erzähle mir doch etwas von den fremden Ländern, die du alle gesehen hast, sagte der Fuchs zu dem weit gereisten Storche.

Hierauf fing der Storch an, ihm jede Lache und jede feuchte Wiese zu nennen, wo er die schmackhaftesten Würmer und die fettesten Frösche geschmauset.

Sie sind lange in Paris gewesen, mein Herr. Wo speiset man da am besten? Was für Weine haben Sie da am meisten nach Ihrem Geschmacke gefunden?

22. Die Eule und der Schatzgräber

Jener Schatzgräber war ein sehr unbilliger Mann. Er wagte sich in die Ruinen eines alten Raubschlosses und ward da gewahr, dass die Eule eine magere Maus ergriff und verzehrte. Schickt sich das, sprach er, für den philosophischen Liebling Minervens?

Warum nicht? versetzte die Eule. Weil ich stille Betrachtungen liebe, kann ich deswegen von der Luft leben? Ich weiß zwar, dass ihr Menschen es von euren Gelehrten verlanget--

23. Die junge Schwalbe

Was macht ihr da? fragte eine Schwalbe die geschäftigen Ameisen. Wir sammeln Vorrat auf den Winter, war die geschwinde Antwort.

Das ist klug, sagte die Schwalbe, das will ich auch tun. Und gleich fing sie an, eine Menge toter Spinnen und Fliegen in ihr Nest zu tragen.

Aber wozu soll das? fragte endlich ihre Mutter. >> Wozu? Vorrat auf den bösen Winter, liebe Mutter; sammle doch auch! Die Ameisen haben mich diese Vorsicht gelehrt.<<

O lass den irdischen nur die Ameisen diese kleine Klugheit, versetzte die Alte, was sich für sie schickt, schickt sich nicht für bessere Schwalben. Uns hat die gütige Natur ein holderes Schicksal bestimmt. Wenn der reiche Sommer sich endet, ziehen wir von hinnen; auf diese Reise entschlafen wir allgemach, und da empfangen uns warme Sümpfe, wo wir ohne Bedürfnisse rasten, bis uns ein neuer Frühling zu einem neuen Leben erwecket.

24. Merops

Ο ΜΕΡΟΨ ΤΟ ΟΡΝΕΟΝ ΕΜΠΑΛΙΝ, ΦΑΣΙ, ΤΟΙΣ ΑΛΛΟΙΣ ΑΠΑΣΙ ΠΕΤΕΤΑΙ· ΤΑ ΜΕΝ ΓΑΡ ΕΙΣ ΤΟΥΜΠΡΟΣΘΕΝ ΙΣΤΑΙ ΚΑΙ ΚΑΤ' ΟΦΘΑΛΜΟΥΣ, ΤΟ ΔΕ ΕΙΣ ΤΟΥΠΙΣΩ.^[17]

Ich muss dich doch etwas fragen, sprach ein junger Adler zu einem tiefsinnigen grundgelehrten Uhu. Man sagt, es gäbe einen Vogel mit Namen *Merops*, der, wenn er in die Luft steige, mit dem Schwanz voraus, den Kopf gegen die Erde gekehrt, fliege. Ist das wahr?

Ei nicht doch! antwortete der Uhu, das ist eine alberne Erdichtung des Menschen. Er mag selbst ein solcher Merops sein, weil er nur gar zu gern den Himmel erfliegen möchte, ohne die Erde auch nur einen Augenblick aus dem Gesichte zu verlieren.

25. Der Pelekan

Aelianus de nat. animal. libr. III. Cap. 30.

Für wohlgeratene Kinder können Eltern nicht zu viel tun. Aber wenn sich ein blöder Vater für einen ausgearteten Sohn das Blut vom Herzen zapft, dann wird Liebe zur Torheit.

Ein frommer Pelikan, da er seine Jungen schmachten sahe, ritzte sich mit scharfem Schnabel die Brust auf und erquickte sie mit seinem Blute. Ich bewundere deine Zärtlichkeit, rief ihm ein Adler zu, und bejammere deine Blindheit. Sieh doch, wie manchen nichtswürdigen Guckuck du unter deinen Jungen mit ausgebrütet hast!

So war es auch wirklich; denn auch ihm hatte der kalte Guckuck seine Eier untergeschoben.--Waren es undankbare Guckucke wert, dass ihr Leben so teuer erkaufte wurde?

26. Der Löwe und der Tiger

Aelianus de nat. animal. libr. II. Cap. 12.

Der Löwe und der Hase, beide schlafen mit offenen Augen. Und so schlief jener, ermüdet von der gewaltigen Jagd, einst vor dem Eingange seiner fürchterlichen Höhle.

Da sprang ein Tiger vorbei und lachte des leichten Schlummers. Der nichts fürchtende Löwe! rief er. Schläft er nicht mit offenen Augen, natürlich wie der Hase!

Wie der Hase? brüllte der aufspringende Löwe und war dem Spötter an der Gurgel. Der Tiger wälzte sich in seinem Blute, und der beruhigte Sieger legte sich wieder, zu schlafen.

¹ Man sagt, der Vogel Merops fliege umgekehrt wie alle anderen: nämlich mit dem Schwanz nach vorn, mit dem Kopf aber nach hinten.

27. Der Stier und der Hirsch

Ein schwerfälliger Stier und ein flüchtiger Hirsch weideten auf einer Wiese zusammen.

Hirsch, sagte der Stier, wenn uns der Löwe anfallen sollte, so lass uns für einen Mann stehen; wir wollen ihn tapfer abweisen. Das mute mir nicht zu, erwiderte der Hirsch, denn warum sollte ich mich mit dem Löwen in ein ungleiches Gefecht einlassen, da ich ihm sicherer entlaufen kann?

28. Der Esel und der Wolf

Ein Esel begegnete einem hungrigen Wolfe. Habe Mitleid mit mir, sagte der zitternde Esel, "ich bin ein armes krankes Tier; sieh nur, was für einen Dorn ich mir in den Fuß getreten habe!

Wahrhaftig, du dauerst mich, versetzte der Wolf. Und ich finde mich in meinem Gewissen verbunden, dich von diesen Schmerzen zu befreien.

Kaum ward das Wort gesagt, so ward der Esel zerrissen.

29. Der Springer im Schache

Zwei Knaben wollten Schach ziehen. Weil ihnen ein Springer fehlte, so machten sie einen überflüssigen Bauer, durch ein Merkzeichen, dazu.

Ei, riefen die andern Springer, woher, Herr Schritt vor Schritt?

Die Knaben hörten die Spöttere und sprachen: Schweigt! Tut er uns nicht ebendie Dienste, die ihr tut?

30. Aesopus und der Esel

Der Esel sprach zu Aesopus: Wenn du wieder ein Geschichtchen von mir ausbringst, so lass mich etwas recht Vernünftiges und Sinnreiches sagen.

Dich etwas Sinnreiches! sagte Aesopus, Wie würde sich das schicken? Würde man nicht sprechen, du seist der Sittenlehrer und ich der Esel?